

Débora Previatti

**WEBER EM ELIAS EM “A SOCIEDADE DE CORTE”
E “O PROCESSO CIVILIZADOR”**

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado) submetido ao Curso de Ciências Sociais, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, para a obtenção do Título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Sell

Florianópolis
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária
da UFSC.

Previatti, Débora

Weber em Elias em "A sociedade de corte" e "O
processo civilizador" / Débora Previatti ; orientador,
Carlos Eduardo Sell - Florianópolis, SC, 2016.

73 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas. Graduação em Ciências
Sociais.

Inclui referências

1. Ciências Sociais. 2. Norbert Elias. 3. Max Weber.
4. Sociologia. 5. Teoria Social. I. Sell, Carlos
Eduardo. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

Débora Previatti

**WEBER EM ELIAS EM “A SOCIEDADE DE CORTE” E “O
PROCESSO CIVILIZADOR”**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharel em Ciências Sociais, e aprovado em sua forma final pelo Curso de Graduação em Ciências Sociais.

Florianópolis, 09 de dezembro de 2016.

Prof. Tiago Bahia Losso, Dr.
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Carlos Eduardo Sell, Dr.
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Alexandre Bergamo Idargo, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Luis Gustavo da Cunha de Souza, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todas as pessoas que contribuíram de algum modo com a produção deste trabalho e com a finalização do curso de ciências sociais.

Agradeço ao orientador professor Carlos Sell, pelo aprendizado nas aulas de Teoria Social, pelo incentivo à confecção deste trabalho e por todas as orientações ao longo do processo.

Ao professor Luis Gustavo da Cunha de Souza, por ter aceitado prontamente participar da banca de avaliação, pela leitura atenciosa e pelas excelentes reflexões.

Ao professor Alexandre Bergamo, não só pelas contribuições na banca, mas por todas as valiosas críticas durante toda a minha formação acadêmica, que foram imprescindíveis para a conclusão deste e de outros trabalhos.

Agradeço também a todos os demais professores que marcaram a minha formação em ciências sociais, em especial à Marisol, Remy Fontana, Ary Minella, Ricardo Müller, Marcia Mazon, Ernesto Seidl e outros, dos quais eu vou me lembrar sempre com muito carinho.

Agradeço a todas as pessoas especiais que eu conheci durante o curso de graduação em ciências sociais, que não foram poucas, e que me inspiraram de diversas maneiras para seguir na minha empreitada. Vou guardar a lembrança de todas vocês com muito carinho.

Aos amigos e colegas da residência, em especial à Rô, Dani, Palomita, Pinky, Anelise, Chinela, Marinei, Ale e Paty, e do mestrado e do doutorado, que acompanharam minha jornada e contribuíram, cada um(a) à sua maneira.

Às minhas amigas históricas, que contribuem sempre, simplesmente pelo fato de elas existirem: Nana, Karen, Ju Berto, Marina e Chuíbes. E também aos queridos Chileno, Lelo, Ana, Le Molina, Catia, Leandro, Crica, Bruno, Mani, Nandu, Michele e Romina, vocês são especiais e também acabaram me incentivando de alguma forma.

Ao meu esposo, companheiro de jornada, Bruno, pelo amor, parceria, amizade, risadas, carinho, compreensão e paciência.

Por fim, à minha família, por ser a minha base de sustentação, sem ela eu certamente não conseguiria fazer nada nessa vida.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar os pontos de contato entre o pensamento de Norbert Elias e a teoria de Max Weber nas obras “A Sociedade de Corte” e “O processo civilizador”, com foco na noção de figuração. Para isso, foram consideradas as condições sociais de produção das obras, além das aproximações e distanciamentos de Elias em relação a Weber e a outros autores que impactaram na produção das obras, como Simmel e Freud. Nesse sentido, têm importância as características comuns ao grupo de intelectuais do qual Elias fez parte em seu período de formação, as relações pessoais e as questões centrais vigentes em cada período de produção ou edição de suas obras, tais como aquelas relacionadas ao contexto político-cultural da Alemanha em cada momento histórico, que inclui desde o clima de “crise da cultura” até os diversos efeitos do nazismo, vivenciados de forma muito próxima e intensa por Elias. Um enfoque maior é dado ao tempo em Heidelberg, considerado aqui o momento principal de formação sociológica de Elias e também quando entrou em contato mais intenso com o “mundo de Weber”, sendo orientado por Alfred Weber e tendo frequentado o salão de Marianne Weber. Com todo esse pano de fundo é que se procurou compreender os aspectos teórico-metodológicos e epistemológicos que aproximam e os que afastam Elias de Weber. Uma das conclusões deste trabalho é de que a sociologia figuracional de Elias, mesmo com a sua visão “molecular”, não teria se oposto inteiramente à sociologia atomística weberiana: por meio, principalmente, de suas análises de caráter dual – teórico e empírico, reconhecemos diversas aproximações. Acreditam, inclusive, alguns autores que Elias teria fornecido argumentos para complementar e também corrigir certas unilateralidades das análises weberianas.

Palavras-chave: Norbert Elias, Max Weber, Sociologia, Teoria Social.

ABSTRACT

This work analyzes the points of contact between Norbert Elias thought and Max Weber's theory in the works "The Court Society" and "The Civilizing Process", focusing on the notion of figuration. We considered the social conditions of production of these works, the approximations and distances of Elias in relation to Weber and also other authors, that had an repercussion in the production of the works, such as Simmel and Freud. In this sense, it matters the common characteristics of the group of intellectuals which Elias participated in his period of formation, personal relations and central issues in each period of production or edition of his works, such as those related to the political-cultural context of Germany at every historical moment, which includes the climate of "crisis of culture" and the various effects of Nazism, experienced in a very close and intense way by Elias. A major focus is given to the period in Heidelberg, considered here as the most important moment for Elias' sociological formation and also when he engaged in an intense contact with the "Weber's world" which was led by Alfred Weber and Elias participated in the Marianne Weber's salon. Starting from this background, we tried to understand the theoretical-methodological and epistemological aspects that approximate and those that apart Elias from Weber. One of the conclusions of this work is that Elias' figurative sociology, even with its "molecular" view, would not have been completely opposed to Weber's atomistic sociology: mainly through its analysis with a dual character – at the same time, theoretical and empirical -, we recognize several approaches. Some authors even believe that Elias would have provided arguments to complement and also correct certain unilateralities of weberian analysis.

Keywords: Norbert Elias, Max Weber, Sociology, Social Theory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1 – CONDIÇÕES SOCIAIS DE PRODUÇÃO DAS OBRAS: O CENÁRIO INTELECTUAL PÓS-MORTEM DE MAX WEBER NA ALEMANHA	17
1.1 “Os mandarins” da sociologia alemã	19
1.2 Elias e a “meca da sociologia”	22
1.3 O salão de Marianne Weber.....	24
1.4 Elias e Alfred Weber.....	25
1.5 De Heidelberg a Frankfurt: a relação com Mannheim.....	28
CAPÍTULO 2 – FIGURAÇÃO: SIGNIFICAÇÃO, APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS DE SIMMEL E FREUD	33
2.1 Significado.....	33
2.2 Gênese conceitual	37
2.2.1 Elias e Simmel: sociologia formal e figuração	38
2.2.2 Elias e Freud: economia psíquica e autocontrole.....	41
CAPÍTULO 3 – MAX WEBER E NORBERT ELIAS	45
3.1 Weber em Elias em “O Processo Civilizador”.....	46
3.2 Weber em Elias em “A Sociedade de Corte”	50
3.3 O método weberiano e o método eliasiano: aproximações e distanciamentos.....	56
3.3.1 Visão atomística vs. visão molecular da sociedade?.....	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
ALGUMAS DATAS	67
REFERÊNCIAS.....	69

INTRODUÇÃO

O reconhecimento do pensamento de Norbert Elias nas ciências humanas, principalmente nas ciências sociais, é por vezes alvo de objeções polêmicas. Muitas dessas objeções têm como base uma crítica à intenção de interdisciplinaridade do autor, que incorpora em muitos momentos o conhecimento de disciplinas como a filosofia, a história, a psicologia e a teoria literária (WAIZBORT, 2001a). Dentre os principais temas gerais tratados por Elias, que perpassam suas obras como um todo, encontra-se o da *figuração*. Segundo Neiburg e Waizbort (2006), ao lado dela, outros temas podem ser considerados igualmente importantes na teoria eliasiana, como o de *civilização* e o de *processos sociais*. Estes três temas “permitem amarrar toda a sociologia eliasiana e, ao mesmo tempo, revelam por inteiro seus posicionamentos no interior do campo interdisciplinar” (NEIBURG e WAIZBORT, 2006, p. 8).

Em 1997 foi realizada em Caxambu (MG) no XXI Encontro Anual da ANPOCS (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais) a mesa-redonda “Norbert Elias: 100 anos”, a partir da qual foi escrito o *Dossiê Norbert Elias* (WAIZBORT, 2001a). No dossiê, Elias é apontado como um autor vital para a Sociologia, na medida em que contribui tanto para a “validação e valorização de campos e objetos empíricos ainda pouco explorados, assim como, por outro lado, fornece um novo enfoque para temas já usuais, porém, nessa mesma medida, reconfigura-os mediante uma nova construção do objeto” (WAIZBORT, 2001a, p. 15).

A sociologia relacional está atualmente muito presente nos debates sociológicos contemporâneos nacionais e internacionais. Não havendo uma unidade entre as abordagens incluídas nessa perspectiva, faz-se necessário estudar cada uma delas em profundidade, tendo o cuidado de não equipará-las ou reduzi-las. Dessa maneira, é fundamental retomar e aprofundar o pensamento de Norbert Elias, o qual teria sido um dos grandes precursores da sociologia relacional. Questionar o padrão de pensamento clássico vigente em sua chegada à Heidelberg, na Alemanha, parece ter sido um de seus pontapés iniciais, abrindo assim espaços para pensar a sociologia sob uma nova perspectiva, mesmo que com abordagens diferentes.

A escolha das obras monográficas “A sociedade de corte” e “O processo civilizador” - objetos do presente trabalho - ampara-se no fato de que ambas são consideradas as duas mais importantes obras de

Norbert Elias. Os primeiros passos de tais obras foram sendo construídos no momento em que Elias entrou em contato com a Sociologia no seu tempo em Heidelberg. As duas obras, em conjunto, contêm as bases do pensamento eliasiano (ELIAS, 2001b).

Diante do conteúdo exposto, justifica-se um trabalho que aborde em profundidade os pontos de contato entre a teoria weberiana e o pensamento de Norbert Elias em torno da *figuração*, por se tratar de um tema de suma importância para a sociologia contemporânea – nacional e internacional. O objetivo principal deste trabalho é analisar os pontos de contato entre o pensamento de Norbert Elias e a teoria de Max Weber nas obras “A Sociedade de Corte” e “O processo civilizador”, com foco na noção de *figuração*. Para isso, exploramos aspectos relativos aos contextos de produção dessas obras, priorizando o tempo da formação de Norbert Elias em Heidelberg, na Alemanha.

Uma das obras centrais para esta pesquisa, além de “A Sociedade de Corte” e “O processo civilizador”, foi a obra autobiográfica intitulada “Norbert Elias por ele mesmo”, por meio da qual se tem acesso a uma história de vida narrada pelo próprio autor, além de uma entrevista biográfica, realizada por AJ. Heerma van Voss e A. van Stolk (ELIAS, 2001a). Apesar desse fato, sabe-se que a narrativa de vida não corresponde à história de vida dos indivíduos, na medida em que nela o entrevistado procura dar sentido à sua fala, colocando-a em uma ordem cronológica, como se as trajetórias de vida fossem retilíneas, quando isso se trata, na realidade, de uma “ilusão biográfica” (BOURDIEU, 1996). Além disso, sabe-se também que a narrativa construída por Elias sobre sua própria história inclui elementos que visam um posicionamento seu enquanto autor de uma teoria social própria. Apesar de todas essas ressalvas, acredita-se que muitos elementos presentes ali podem ser relevantes para compreender algumas das condições de produção das duas obras monográficas aqui analisadas. Além disso, existem aspectos importantes que o autor narra sobre a sua origem social e a sua trajetória e também a respeito de seu posicionamento frente a outros intelectuais, seus contemporâneos e os que o antecederam, incluindo Max Weber.

Foi investigada ainda a literatura nacional e internacional que aborda sobre a trajetória intelectual, pessoal e institucional de Norbert Elias, incluindo aquela que discute sobre os pontos de contato entre Elias e Weber. Em todos os casos, foram consideradas as condições de produção das fontes, visando compreender em que medida os elementos dos materiais coletados remetem às propriedades sociais do contexto estudado (MICELI, 2001a). A análise das posições sociais das fontes

também foi realizada, visto que estas são importantes para situar o ponto de vista a partir do qual são elaboradas as informações e as representações dessas fontes (COMBESSIE, 2004).

Ademais, devido à importância da formação de Norbert Elias em Heidelberg para a elaboração de seu pensamento, em especial também para a escrita de “A sociedade de corte” e “O processo civilizador” e, em decorrência do contato intenso do autor com o círculo social de Max Weber nesse período (ELIAS, 2001a), considerou-se importante realizar uma análise do tempo em que Elias passou nesse local.

No primeiro capítulo, iniciamos com o contexto de produção das obras, expondo alguns elementos que caracterizaram toda uma geração de intelectuais na Alemanha, repercutindo no modo de se fazer Sociologia. Exploramos sobre o tempo em que Norbert Elias passou em Heidelberg, a sua formação sociológica no período e a sua inserção no círculo de intelectuais, incluindo as suas relações pessoais, especialmente com Alfred Weber e Karl Mannheim.

No capítulo seguinte, introduzimos a concepção de *figuração* sendo que, além de tomarmos como base os dois trabalhos monográficos centrais para esta pesquisa, levamos também em consideração os escritos eliasianos de sociologia sistemática. Para encerrar este capítulo, discutimos a gênese do conceito de *figuração* e suas articulações com aspectos específicos das teorias de Georg Simmel e Sigmund Freud.

Por fim, apresentamos uma análise mais aprofundada dos pontos de contato entre Max Weber e Norbert Elias presentes nas duas principais obras monográficas de Elias, “*A Sociedade de Corte*” e “*O processo civilizador*”. O capítulo encerra com a discussão sobre as aproximações e os afastamentos de Elias em relação ao método weberiano.

Dessa forma, os capítulos estão ordenados em uma sequência que inicia com o contexto de produção, passando por um momento de sistematização do conceito de *figuração* e de alguns elementos considerados importantes sobre a gênese do pensamento eliasiano e, por fim, terminando com as obras monográficas do autor. Por meio delas é possível compreender, de modo mais completo, os postulados teóricos de Elias em contextos bem delimitados, além de seus pontos de contato com a teoria weberiana. Apesar da ordem escolhida, sabemos que a teoria de Norbert Elias foi principalmente formulada ao longo do processo de elaboração destes trabalhos que são, a um só tempo, de uma riqueza teórica e empírica, sendo que as suas obras de sociologia sistemática foram publicadas em um momento muito posterior.

Este trabalho visa contribuir com os estudos eliasianos e pós-eliasianos, enfocando, sobretudo, as repercussões de Weber sobre o pensamento de Elias. Incluímos na investigação não apenas elementos teóricos tomados isoladamente, mas também os contextos de produção das obras, em especial a estada do autor em Heidelberg, onde frequentou o salão da esposa de Max Weber, foi orientado pelo seu irmão mais novo e onde conheceu Karl Mannheim. Sem deixar de lado outras de suas principais bases teóricas, como aquelas encontradas na sociologia interacionista de Simmel e na psicanálise freudiana, a ideia principal deste trabalho foi a de conferir uma atenção especial ao impacto de Weber em Elias.

CAPÍTULO 1 – CONDIÇÕES SOCIAIS DE PRODUÇÃO DAS OBRAS: O CENÁRIO INTELECTUAL PÓS-MORTEM DE MAX WEBER NA ALEMANHA

O grande Max Weber morrera, é verdade, mas sua viúva ainda vivia, e seu irmão Alfred igualmente, ele também professor de sociologia. De maneira geral, a Alemanha já tinha nessa época uma tradição sociológica bastante respeitável. (...) O florescimento da sociologia começou portanto desde a época imperial, mas acentuou-se de fato apenas depois de 1918. (ELIAS, 2001a, p. 44)

Após a morte de Max Weber em 1920, iniciaram-se profundos debates com o objetivo de compreender a sua teoria no círculo de intelectuais alemão. Como consequência disso, a teoria weberiana esteve muito presente não apenas nesses debates, mas principalmente nas diversas obras que foram produzidas por autores que fizeram parte desse contexto, dentre eles o próprio Norbert Elias. Parece ter sido um marco histórico que caracterizou um momento seguinte de ampla repercussão em e ao lado de outras grandes obras produzidas no círculo intelectual alemão daquele período, as quais marcaram também, em certa medida, toda a produção sociológica posterior. Nesse cenário, Elias (2001a) conta que nos anos 1920:

Weber ainda estava longe de se destacar do grupo dos especialistas alemães em ciências sociais, ao passo que atualmente, com o recuo do tempo, ele é reconhecido graças à triagem silenciosamente efetuada pelas gerações seguintes. Inúmeros representantes da velha guarda cujas obras gozavam de notoriedade não muito inferior – homens como Tönnies, Sombart, Scheler e Franz Oppenheimer – ainda estavam vivos. As obras de Troeltsch, assim como as de Georg Simmel, faziam parte da bagagem cultural indispensável para um sociólogo, e iniciei o meu estudo, encorajado pela atmosfera que reinava em Heidelberg. No pano de fundo, como sempre, discreto e eloquente, havia o personagem imponente de Karl Marx. Os debates sociológicos

giravam bastante em torno dele, não importava o que se dissesse. (ELIAS, 2001a, p. 104)

O primeiro capítulo deste trabalho tem como objetivo apresentar alguns dos principais elementos que caracterizaram o contexto de produção das duas obras monográficas de Norbert Elias aqui analisadas, sendo que se optou aqui pelo enfoque no tempo em que o autor passou em Heidelberg. Partimos do pressuposto que, para compreender a fundo os escritos de uma obra, é necessário compreender também o seu contexto de produção intelectual, político, cultural e social. Uma obra que é lida deslocada de seu contexto não permite que sejam captadas as motivações e as intenções de um autor, muito menos suas críticas, diálogos e outros posicionamentos frente a autores que lhe são contemporâneos ou predecessores. Acreditamos, dessa forma, ser fundamental o conhecimento, mesmo que mínimo, do círculo de intelectuais no qual Elias esteve imerso, em uma trama de inter-relações.

Para a análise dos pontos de contato entre Norbert Elias e Max Weber, recorreremos ao cenário social no qual Elias foi apresentado ao pensamento weberiano e à família Weber. Iniciamos com a formação de Elias na universidade de Heidelberg, local considerado a “meca da sociologia” na época e que reverberava intensamente a teoria de Max Weber. Em seguida, no subcapítulo “Os mandarins” da sociologia alemã”, apresentamos características compartilhadas pelo grupo de intelectuais contemporâneos a Elias na Alemanha. Logo adiante, no próximo subcapítulo, versamos sobre a centralidade de um espaço físico em particular para os intelectuais alemães, frequentado também por Elias, o salão de Marianne Weber. Por fim, o capítulo culmina na relação de Elias com Alfred Weber e na sua saída de Heidelberg para acompanhar o seu orientador e amigo na época, Karl Mannheim.

Cabe aqui destacar que, dada a enorme complexidade envolvida na configuração social do grupo intelectual em questão, não tenho pretensões de dar conta de esclarecê-la por completo. Isso demandaria diversos anos de trabalho, além de uma imersão em Heidelberg, o que não é possível de ser feito aqui. Em vez disso, a decisão de incluir tais informações trata-se apenas de um cuidado metodológico de não tratarmos o “pensamento” ou as “ideias” de Elias e de Weber deslocados de seus contextos de formulação, de forma a situarmos minimamente o leitor na trama de relações na qual eles encontravam-se envolvidos.

1.1 “Os mandarins” da sociologia alemã

Em alusão aos burocratas eruditos da China imperial, Simone de Beauvoir (1983) emprestou o termo “*Os mandarins*” para explicar o círculo de intelectuais parisienses do final da Segunda Guerra Mundial, às vésperas da Guerra Fria. Muito mais do que um romance, a consagrada obra de Beauvoir dissecava a vida pessoal de cada um dos membros deste círculo de pensadores e nos mostra como a produção intelectual dos mesmos esteve intrinsecamente relacionada e condicionada ao contexto social no qual todos eles estavam inseridos.

O termo “mandarim” em Ringer (2000), ao abordar sobre os “mandarins da sociologia alemã”, refere-se às classes “cultas” alemãs de modo geral, mais especificamente aos professores universitários. De acordo com o autor, a elite cultural teve um papel de extrema importância para a sociedade alemã moderna, o que permitiu formular uma nova história intelectual alemã.

Tal contexto tem importância na medida em que é percebido que desvendar uma dada história intelectual e cultural não envolve apenas conhecer a história das ideias (o estudo do pensamento sistemático) a ela relacionada. Além da história das ideias, segundo Pontes (1997), a partir da definição de Robert Darnton¹, a história intelectual e cultural inclui:

a história intelectual propriamente dita (o estudo do pensamento informal, dos climas de opinião, dos movimentos literários), a história social das ideias (o estudo da ideologia e da difusão das ideias) e a história cultural (o estudo da cultura no sentido antropológico, incluindo visões de mundo e *mentalités* coletivas) (Darnton, 1990, p. 188 apud PONTES, 1997).

Mesmo quando o objetivo é apenas o de realizar uma história das ideias, já se sabe há algum tempo da importância do contextualismo linguístico, por meio do debate proposto principalmente por Quentin Skinner, mas também por John Pocock e John Dunn. Mais uma vez, com esses autores, encontramos a importância da leitura do texto de um determinado autor, seja ele clássico ou contemporâneo, inserindo-o em

¹ DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. Mídia, cultura e revolução. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

seu tempo. Como propôs Dunn (1968, p. 86), “tanto a especificidade histórica quanto a sofisticação filosófica serão mais bem alcançadas se ambas forem perseguidas em conjunto”. Segundo Silva (2010):

Ao mesmo tempo que argumentava contra a suposição de infalível “coerência” dos grandes pensadores, Skinner criticava o que considerava uma vaga noção de “**influência**”, mediante a qual se compunha um tipo de narrativa em que as grandes ideias de grandes autores explicavam-se pela influência recebida de outras grandes ideias de outros grandes autores. [grifo nosso] (SILVA, 2010, p. 303)

Portanto, mais do que resgatar a “influência” de Max Weber nas obras de Norbert Elias, tentamos aqui compreender as duas grandes principais obras monográficas de Elias em seu contexto de produção, aproximando-se mais do que Robert Darnton denominou de história intelectual e cultural (PONTES, 1997), e não se restringindo ao plano da história das ideias.

Além disso, nesse debate tem importância a contribuição de Ringer (2004). Em sua obra “A metodologia de Max Weber”, o autor versa sobre a análise de Dilthey a respeito da existência de “estruturas” intelectuais ou “padrões de pensamento”. Ringer (2004) conta que Dilthey defendia que, ao captarmos o raciocínio geral de certa linha de pensamento, podemos compreender os “produtos mentais” de cada um dos autores relacionados. Segundo Dilthey, isso acontece porque o texto está integrado a um “conjunto textual” que, por sua vez, abarca um determinado contexto intelectual ou tradição. Outrossim, entender uma obra por essa dimensão de análise nos faz enxergar para além da escrita, com uma clareza maior a respeito do pensamento do autor, o qual estava inscrito em um contexto social específico.

Assim, o contexto intelectual no qual Norbert Elias esteve inserido, do mesmo modo que a sua origem social e a sua trajetória de vida², deve explicar muitos elementos ligados ao seu pensamento. Aqui chamo a atenção do leitor para um recorte temporal específico, o do momento da inserção de Elias no círculo intelectual alemão de Heidelberg, onde obteve a maior parte de sua formação propriamente

² Para um maior aprofundamento sobre o impacto da origem social e da trajetória de vida de Norbert Elias sobre suas obras, ver Elias (2001a).

sociológica. A produção das suas obras reverberou, em grande medida, temas, ideias, debates, confluências e contraposições derivados desse contexto intelectual, histórico e social. Nesse sentido, muitos posicionamentos de Norbert Elias podem ser melhor compreendidos quando se investiga a fundo com que ideias de quais autores ele dialoga, ou ele se distancia e critica, justamente para denotar uma posição.

Ringer (2000), em sua obra “*O declínio dos mandarins alemães: a comunidade acadêmica alemã, 1890-1933*”, analisou profundamente como a produção intelectual alemã estava, de modo geral, amplamente relacionada ao contexto social e político da sociedade alemã da época. Fatores como a democratização da universidade, a crise da cultura humanística na era tecnológica e o surgimento do nazismo tiveram um forte impacto sobre as produções acadêmicas do período. Havia, portanto, uma íntima relação entre a política e a vida intelectual alemã da época.

Segundo Ringer (2000), predominava um clima de “crise da cultura” entre a comunidade alemã no período em que Elias chegou em Heidelberg. Por volta de 1890, iniciaram manifestações individuais de acadêmicos alemães sobre uma preocupação com o ensino e com a vida cultural alemães. Tais inquietações perduraram até a década de 1930. Na década de 1920 passou a ser consensual que uma “crise da cultura” era iminente na Alemanha. A preocupação era, sobretudo, com um possível *declínio da vitalidade das tradições intelectuais alemãs*, que se acreditava estar perdendo o seu sentido e a sua importância. Os acadêmicos indagavam-se sobre a possibilidade de vir sendo extinto o seu status de “líderes espirituais” nas universidades e se a cultura mandarim viria a ser abandonada. Alfred Weber chegou a escrever um artigo em 1918 no qual ele questionava a respeito de os chamados “líderes intelectuais e espirituais” possuírem menor influência em sua época do que naquela do início do século XIX na Alemanha³.

A crise cultural, pela qual acreditavam passar os “mandarins alemães”, repercutiu também sobre as suas obras. Os autores passavam a redefinir em seus escritos aquelas representações que tinham sobre eles próprios. Os seus então atacados valores tradicionais passavam agora por uma revisão, manifestada por meio de uma espécie de auto-análise e de uma história intelectual que era agora contada pelos próprios mandarins. Sobre tais obras, Ringer (2000) salienta o fato de que:

³ WEBER, Alfred. Die Bedeutung der geistigen Führer in Deutschland, *Die neue Rundschau*, Berlin, 29: 1249-1268, 1918.

Algumas foram feitas com bastante espírito crítico; a maioria, porém, negligenciou as implicações sociais das idéias que descreveram. Foi aí que os analistas posteriores tiveram de ajustar o equilíbrio. Desde a década de 1930, muitos desses comentaristas mais recentes eram eruditos alemães expatriados. Alguns haviam estudado, inicialmente, com representantes da ala mais crítica de uma geração acadêmica alemã mais antiga ou foram de alguma forma influenciados por ela. Assim, os trabalhos de Hans Gerth e Hans Rosenberg, de Koppel S. Pinson, Hajo Holborn, Leonard Krieger e W. H. Brufor são conseqüências e, ocasionalmente, correções dos escritos de Otto Hintze e Max Weber, de Ernst Troeltsch, Friedrich Meinecke e Eduard Spranger. Quando lemos as obras dessas duas gerações de escritores, e mais alguns títulos de Wilhelm Windelband e Karl Jaspers, de Norbert Elias e Wilhelm Roessler, chegamos a uma visão única e internamente coerente do legado mandarim. Não se trata de uma visão acrítica, muito pelo contrário; mas continua sendo uma análise como que feita “de dentro”. Sua linguagem e a posição a partir da qual se remonta às fontes do pensamento alemão moderno ainda são, de certo modo, aquelas das décadas de 1890 e 1920. (RINGER, 2000, p. 92)

1.2 Elias e a “meca da sociologia”: o tempo em Heidelberg

Foi preocupado com essas idéias que cheguei pela segunda vez a Heidelberg. Achei que os problemas que estavam na ordem do dia entre os sociólogos eram efetivamente bastante próximos dos meus. (ELIAS, 2001, p. 114)

Quando Elias chegou em Heidelberg, a sociologia gozava de um status muito elevado na Universidade de Heidelberg, muito por causa da lembrança da figura de Max Weber. Muitos são os sociólogos que impactaram nas obras de Norbert Elias. Georg Simmel, Karl Mannheim, Max Weber e Alfred Weber poderiam ser levantados como

os principais nomes da sociologia, entre outros. Em sua maioria, a relação teórica e/ou pessoal de Elias iniciou ou foi aprofundada em Heidelberg⁴. Com a efervescência teórica que pairava em Heidelberg na época, houve uma congregação de uma imensidão de intelectuais⁵. Elias (2001a) conta que a sua iniciação ao pensamento sociológico se desenvolveu principalmente, devido à sua ida para a cidade universitária, a partir de seu contato com Jaspers, quem o introduziu à teoria de Max Weber. Segundo Elias (2001a), até aquele momento ele vinha se dedicando a estudos de caráter filosófico e de medicina, e não possuía conhecimentos de Sociologia.

Norbert Elias esteve em Heidelberg no período de 1925 a 1930. Elias teria chegado em Heidelberg apenas quatro anos após o falecimento de Max Weber (BUCHOLC, 2013). Elias (2001a) narra que foi influenciado por todo o ambiente que era considerado naquele momento a “meca da sociologia” – a universidade de Heidelberg. Nesse período, esteve muito próximo à família de Max Weber. Em “Norbert Elias por ele mesmo”, o autor descreve a respeito de sua aproximação da família Weber, não apenas por meio de Alfred (irmão de Max Weber, tendo sido o seu primeiro orientador na referida universidade), como também de Marianne Weber, esposa de Max Weber, e sobre o tempo que passou em Heidelberg (ELIAS, 2001a).

A primeira versão da obra “A sociedade de corte” foi planejada e começou a ser escrita em Heidelberg. Em 1925, Elias foi aceito por Alfred Weber na Universidade de Heidelberg e conseguiu uma cadeira com o trabalho “*Die Bedeutung der Florentiner Gesellschaft und Kultur für die Entstehung der Wissenschaft*” (“A importância da Sociedade e da Cultura Florentina para o Desenvolvimento da Ciência”). Em 1930, porém, Elias acabou cancelando esse projeto e seguiu como assistente de Karl Mannheim em Frankfurt, submetendo como tese de habilitação o trabalho intitulado “*Der höfische Mensch. Ein Beitrag zur Soziologie des Hofes, der hofischen Gesellschaft und des absoluten*

⁴ Segundo Krieken (2001), Elias esteve em Heidelberg no mesmo período também que Talcott Parsons. É interessante notar que, apesar disso, Parsons não é citado por Elias em sua obra autobiográfica “Norbert Elias por ele mesmo”.

⁵ Para um maior aprofundamento sobre a importância de Heidelberg na reunião de intelectuais no período analisado recomenda-se a leitura da obra: TREIBER, Hubert; SAUERLAND, Karol (org.). *Heidelberg im Schnittpunkt intellektueller kreise: Zur Topographie Der Geistigen Geselligkeit" Eines Weltorfes"*: 1850-1950. Opladen: Westdt. Verl., 1995.

Königtums” (“O Homem da Corte. Uma contribuição para a Sociologia da Corte, da Sociedade da Corte e da Monarquia Absolutista”). Este trabalho nunca foi formalmente aceito e acabou sendo publicado apenas em 1969, na Inglaterra, como “*Die höfische Gesellschaft. Untersuchungen zur Soziologie des Königtums und der höfischen Aristokratie*” (“A Sociedade de Corte: Investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte”) (WAIZBORT, 2001a).

1.3 O salão de Marianne Weber

Suponho que [Karl Mannheim] deve ter falado de mim com Marianne Weber, e foi assim que um dia fui convidado para o seu salão. Quando se era convidado uma vez para ali, fazia-se parte de seu círculo. (ELIAS, 2001a, p. 42)

Para entender minimamente o círculo de intelectuais que já estava constituído quando Elias chegou em Heidelberg e, conseqüentemente, sobre as condições de produção de suas duas obras monográficas, ajuda saber que o impacto de Max Weber sobre a produção sociológica alemã ia muito além das repercussões de sua teoria. O círculo em questão possuía um ponto de encontro, que estava muito longe de ser apenas um espaço físico onde aglomeravam-se indivíduos. Era uma espécie de polo gravitacional, onde todos ali sabiam da fundamental importância de passar quem desejasse ser consagrado profissionalmente. Passar por ali simbolizava que os profissionais haviam sido aceitos para fazer parte de um grupo, que gozava de certas liberdades e privilégios que eram, em parte, alvo de ambições, em parte, necessários para qualquer sociólogo que almejasse ser reconhecido naquele momento histórico.

Naquele contexto, apresentar-se no “salão de Marianne Weber” representava o mais alto grau de conhecimento e reconhecimento daqueles intelectuais. Heidelberg era a “meca da sociologia” e, em seu núcleo, estava o salão de Marianne, por onde circulavam os mais renomados autores do período e também os iniciantes, que aprendiam ali não apenas sobre as produções mais avançadas daquele período em primeira mão, como também as regras e as convenções que guiavam aquele círculo de intelectuais e todos os demais que sustentavam a crença de que ali era o polo central de produção de conhecimento.

Segundo Elias (2001a), a viúva de Max Weber constituía um papel fundamental na manutenção do legado de uma tradição. Naquela época, Max Weber e suas obras ainda não haviam alcançado o seu impacto internacional, mas gozava de enorme reputação em Heidelberg e na Alemanha de modo geral.

Quando Elias se instalou em Heidelberg, foi alertado por Mannheim que ele deveria receber o aval de Marianne para obter a sua habilitação, mesmo já tendo sido colocado na lista de candidatos por Alfred Weber. Pouco antes de Elias receber um convite para a casa de Marianne Weber, Mannheim explicou a Elias que ela tinha uma espécie de salão e que era importante passar por ali qualquer sociólogo que almejasse uma carreira universitária. Lá se reunia periodicamente boa parte da elite universitária de Heidelberg. Elias aceitou o convite de Marianne Weber e apresentou uma exposição sobre a sociologia da arquitetura gótica, falando sobre as evidências encontradas nas arquiteturas das catedrais alemãs e francesas que teriam relação com diferenças estruturais presentes em cada uma dessas sociedades (ELIAS, 2001a).

Marianne, assim como Alfred Weber, pertencia ao universo intelectual alemão da época e ocupava um espaço na sociologia de Heidelberg (ELIAS, 2001a). Era conhecida como uma das mais importantes teóricas dentro da corrente dos estudos feministas na Alemanha em sua época. Porém, por muito tempo Marianne permaneceu em segundo plano, apenas como esposa de Max Weber, em parte porque ela mesma se assumia como tal e via a sua própria obra como inferior a dele. Após a morte de Weber, Marianne passou a se dedicar à edição dos trabalhos e correspondências dele, motivada por uma profunda admiração que possuía pelo grande autor da sociologia⁶ (COBO, 1996).

1.4 Elias e Alfred Weber

Apesar de Elias ter precisado passar pelo crivo de Marianne Weber para ter o seu ingresso consagrado no círculo de intelectuais de Heidelberg (e, de certa maneira, em toda a sociologia, devido à importância e à centralidade da Universidade de Heidelberg naquele

⁶ Um dos principais frutos desta empreitada de Marianne Weber é a publicação da obra *Max Weber. Ein Lebensbild*. Mohr, Tübingen 1926, traduzida para o português como “Max Weber. Uma biografia”.

momento histórico para a carreira de sociólogo), Alfred Weber teve também um papel fundamental na trajetória de Elias.

Segundo Elias (2001a), Alfred Weber assumiu, em parte, a sucessão de Max Weber na sociologia, porém ele fez isso à sua maneira. Alfred possuía especial interesse na “cultura”, sendo que a via como o elemento fundamental para compreender qualquer sociedade e incomodava-se, particularmente, com o fato de alguns autores a reduzirem em explicações estritamente econômicas. Para o irmão de Max Weber, as produções [*Gebilde*] humanas de cultura diferenciavam-se substancialmente daquelas produções de caráter utilitário – tais como a ciência, a técnica e a economia –, sendo que as primeiras expressariam o espírito de uma época em um plano simbólico. As pesquisas de Alfred Weber retomavam e também avançavam, sobretudo, na antiga díade alemã “cultura” e “civilização”⁷.

Elias (2001a) ressalta que o conceito de “cultura” que encontrou em Alfred Weber possuía a significação de um símbolo sentimental, apesar de estar amparado em fatos objetivos. Elias via nos escritos de Alfred Weber uma postura partidária bem mais apaixonada do que em Max Weber, o qual não se permitia tal postura e devido a isso também se deveu a perenidade dos seus trabalhos. Em linhas gerais, as produções de Alfred Weber eram marcadas pela cultura apresentada com alto valor e a civilização como algo de importância menor.

O principal adversário de Alfred Weber não estava nos partidos ou nos movimentos de esquerda, mas sim encontrava-se na figura que representava, na visão dele, alguém que defendia tudo de mais utilitário, Karl Mannheim.

Havia um conflito em jogo que incluía também divergências político-partidárias – Alfred Weber era um declarado liberal-conservador e Karl Mannheim possuía simpatias políticas em direção a uma esquerda moderada – e que se manifestava, sobretudo, nos postulados sociológicos elaborados por estes dois autores (ELIAS, 2001a):

Como *Privat-dozent*, Mannheim tinha visivelmente menos poder e prestígio que Alfred Weber, que era professor titular. Mas inúmeras pessoas viam nele o homem do futuro, a estrela em ascensão da sociologia de Heidelberg. Embora

⁷ Um maior aprofundamento a respeito dessa discussão pode ser obtido a partir da obra “O processo civilizador”, volume 1 (ELIAS, 1994a).

tenha participado tanto dos seminários de Karl Mannheim como dos de Alfred Weber, a princípio eu não percebia nada da rivalidade semeada entre esses dois homens. Um tom bastante moderado era então de rigor nas relações humanas na Universidade de Heidelberg. Nas declarações que faziam um sobre o outro, a julgar pelas que presenciei, Weber e Mannheim se mostravam extremamente prudentes. Portanto, foi uma grande surpresa quando a rivalidade dos dois homens explodiu abertamente. Foi durante o VI Congresso de Sociologia Alemã, em Zurique (ELIAS, 2001a, p. 123).

Lembrando aqui da análise feita por Elias sobre o conflito entre Drake e Doughty em *Estudos sobre a gênese da profissão naval*, o conflito entre dois seres humanos “por mais que possa ser algo único e pessoal, pode ser ao mesmo tempo representativo de uma luta entre diversos estratos sociais, remontando a várias gerações” (ELIAS, 2006, p. 70). Em uma análise que supera uma visão estritamente micro ou macrosociológica, na sociologia relacional de Elias, na qual o que é “social” é também “individual” e o que é “individual” é também “social”, é possível entender a partir do conflito entre Drake e Doughty, mas também entre Alfred Weber e Karl Mannheim, aspectos mais amplos da rede de relações pela qual estes indivíduos encontravam-se conectados.

O conflito entre Karl Mannheim e Alfred Weber ajuda-nos a compreender, portanto, um pouco do que se passava naquele círculo de intelectuais e mesmo de algumas motivações para a elaboração de suas teorias. É possível entender que estes intelectuais, mesmo fazendo parte de uma mesma configuração social, estavam imersos em uma rede de relações na qual havia uma pluralidade de interesses e, ao mesmo tempo, objetivos em comum, como o de demarcar posições frente a outros intelectuais naquele campo de disputas pelo reconhecimento profissional. Dessa forma, tal como em outras configurações, o círculo de intelectuais de Heidelberg era marcado, nos termos de Elias, por um equilíbrio móvel de tensões.

1.5 De Heidelberg a Frankfurt: a relação com Mannheim

- E lá [em Heidelberg] Mannheim era sua referência intelectual mais importante?
- É um pouco difícil dizer, pois em muitos pontos não concordava com ele. Não, falar de referência intelectual seria exagerado. (ELIAS, 2001a, p. 47)

Karl Mannheim talvez seja um dos mercedores de maior destaque dentro da rede de relações que repercutiu na formação e na trajetória de Norbert Elias. Além da grande admiração que Elias mantinha por Mannheim, ele encontrou em sua figura um grande amigo, amizade que apenas iniciou em Heidelberg e perdeu durante muitos anos, mesmo após Elias começar a divergir de alguns de seus postulados sociológicos. Além disso, em uma leitura atenta às obras de Elias é possível perceber suas influências não apenas em termos de suas “ideias flutuantes”, mas também em termos de posicionamentos importantes frente ao círculo de intelectuais onde ambos estavam inseridos e a aspectos específicos presentes na produção acadêmica tradicional que vigorava na época.

Elias conheceu Karl Mannheim em Heidelberg onde este, segundo o próprio Elias afirmou, encontrava-se no auge de sua produção intelectual. Foi durante o período que Elias se estabeleceu em Heidelberg, em 1924, que Mannheim escreveu “*Ideologia e Utopia*”, uma de suas principais obras, além de outros ensaios, entre os quais o que abordava sobre a “significação da competição no domínio intelectual” que, segundo Elias (2001a), constituía um problema pessoal para o autor.

Segundo Elias (2001a), Mannheim concentrou-se em um aspecto específico da teoria de Karl Marx e dela fez o seu domínio de conhecimento: a sociologia do conhecimento. Esta área posteriormente tornou-se o que hoje se conhece como Sociologia da Cultura. Muitos aspectos teóricos aproximam Mannheim e Elias, porém houve um momento em que Elias questionou muitos de seus posicionamentos, distanciando-se de sua linha teórica.

Talvez um papel muito importante que Mannheim tenha exercido no pensamento de Elias foi o de passar a própria inquietação que ele tinha a respeito do modo tradicional como era concebida a produção intelectual até aquele momento. De acordo com Elias (2001a), Mannheim teve vital importância para repensar esses padrões, na

medida em que argumentava que uma produção intelectual não deveria ser vista como “pensamento” ou “ideias” flutuantes no espaço, mas sim que era sempre resultante de demarcações de posições sociais específicas, de competições entre pesquisadores. Influenciado pela tese marxista de que o pensamento não está apenas ligado a interesses, mas sim que o é necessariamente, Mannheim (e também Marx) suscita a ideia dualista de um “ser” social desprovido de pensamento, em quem este aparece apenas como um anexo. Segundo Elias (2001a), tanto Mannheim como Marx pecaram no sentido de não levarem em conta em suas formulações o fato de que a consciência e o pensamento são, na verdade, *constitutivos* da sociedade.

Para além dos detalhes desta formulação de Mannheim, que não são o foco da análise aqui empreendida, vejo aqui o que parece ter sido uma de suas importantes implicações no pensamento eliasiano – a de questionar a maneira como toda uma tradição acadêmica, em especial aquela que inclui as ciências humanas e a história das ideias, lidava com determinadas noções, tais como a de “espírito”, “ideias” e “pensamentos”. Tais noções davam a entender que era possível que existissem “produções flutuando livremente”, vistas de modo dissociado e independente da vida em sociedade.

Novamente, na esteira e ainda mais radical do que Marx, Mannheim postulou que todas as ideias (e também as de Marx e as suas próprias) deviam ser “ligadas ao ser”, como a expressão de uma posição nas lutas sociais e esta, necessariamente, limitava a visão dos autores sobre as coisas (ELIAS, 2001a). Esta noção é pano de fundo para o forte posicionamento posterior de Elias de que as ideias ou pensamentos, na medida que não existem por si próprios, não podem aparecer desvinculados de seu contexto de produção, no qual tem importância vital o conhecimento da posição social dos seus produtores. Para fugir do total relativismo que culminaria se levássemos até o fim desse raciocínio – onde qualquer esforço de pensamento dos indivíduos seria condenado –, Mannheim criou o conceito de “relacionismo” [*Relationismus*]⁸. Nesta concepção, além do fato de que qualquer

⁸ Tal conceito de “relacionismo” guiou também certas noções posteriormente elaboradas por Pierre Bourdieu. Apesar de Bourdieu e Mannheim terem diferenças substanciais em relação ao conceito de objetividade, Bourdieu parte do mesmo ponto de vista crítico em relação à epistemologia clássica, sustentando sociologicamente a natureza relacional de toda produção de conhecimento. A saída resultante dessa postura teórica é a produção de uma sociologia reflexiva (FERREIRA; BRITTO, 1994).

pensamento deve ser visto “ligado ao ser”, os indivíduos têm olhares parciais sobre o mundo, principalmente quando situados em diferentes posições de classe (ELIAS, 2001a).

Depois de Heidelberg, em 1930 Mannheim partiu para preencher uma cadeira em Frankfurt, sendo que convidou Norbert Elias para segui-lo e auxiliá-lo em sua trajetória. Em Frankfurt, Elias teve um papel único excepcional na constituição do grupo de Mannheim e em suas produções acadêmicas, instaurando-se, portanto, não apenas uma “influência” de Mannheim em Elias, mas uma via de mão dupla, marcada por uma “influência” recíproca entre os dois autores (KETTLER et al, 2008).

De Heidelberg à Frankfurt, Elias (2001a) descreve a sua trajetória com Mannheim como sempre “muito agradável” e “praticamente sem atritos”. Foi durante este itinerário, marcado por uma fidelidade à Mannheim e que culminava em Frankfurt, que Elias havia feito a descoberta de uma missão, a qual deveria desenvolver enquanto sociólogo:

Foi pouco a pouco que compreendi essa missão, de maneira ainda bastante vaga durante minha temporada em Heidelberg, depois de modo mais nítido em Frankfurt. Ela consistia em elaborar uma teoria central da sociologia que fosse empírica, ou seja, verificável e emendável, em vez de fundar as bases de uma teoria sobre as quais as gerações futuras pudessem construir, ou mesmo rejeitar, corrigir e desenvolver. Mergulhei nessa consciência cada vez mais aguda de meus objetivos e trabalho nisso até hoje, entremeadado às numerosas tarefas particulares que realizei ao longo de minha vida. (ELIAS, 2001a, p. 145)

Como vimos anteriormente, a versão original de “A Sociedade de Corte” foi escrita como tese de habilitação em Frankfurt. Apesar disso, a versão publicada em 1969 não é idêntica à original submetida como tese de habilitação, que estava aos cuidados de Mannheim. Alguns capítulos foram acrescentados a partir de 1966, quando Elias conseguiu recuperar o seu escrito original (devido ao nazismo), notadamente uma longa introdução metodológica, baseada na reconceitualização de Elias sobre uma conjunção entre história e sociologia, assim como comentários que parecem derivar dessa mesma revisão. Apesar disso, os

capítulos principais não sofreram alterações substanciais, portanto a análise original feita por Elias não teve grandes transformações a partir das novas reflexões (KETTLER et al, 2008).

O capítulo “Estruturas de habitação como indicadores de estruturas sociais” foi publicado de modo idêntico ao texto original escrito em 1933. O conteúdo abordado por Elias neste capítulo estava alinhado ao grupo de pesquisa de Mannheim, sendo que o estilo da narrativa era típico daquele momento histórico (KETTLER et al, 2008). Tudo começou quando a *Revue Internationale de Sociologie* de janeiro de 1932 anunciou Mannheim como colaborador da seção “*L’habitat humaine*” no Congresso do *Institute Internationale de Sociologie* em Geneva, com a apresentação de “*The human habitat from the perspective of the social role of woman and the domestic economy*” (“O habitat humano a partir da perspectiva do papel social da mulher e da economia doméstica”). Mannheim, não podendo comparecer, elegeu dois substitutos para ir em seu lugar, Margarete Freudenthal e Norbert Elias.

Apesar de os dois pesquisadores divergirem em suas apresentações, mostraram como o grupo de pesquisa de Mannheim, apesar de seguir em direções diferentes, não perdia pontos de referência em comum. Ambos procuravam explicar “correlações entre tipos de casas e níveis de existência social” de seus habitantes. Elias tratava das casas dos cortesãos franceses nos séculos XVII e XVIII, em linhas gerais, identificando que a residência era constituída a partir do posto e da função de seus proprietários e que estava vinculada a aspectos dos estilos de vida – como as relações de hospitalidade recíproca e as necessidades de luxo, de uma equipe de funcionários e de coabitação. Já Freudenthal contrastava casas de proletários e de burgueses, em referência às suas respectivas economias domésticas, argumentando no sentido de que o modo da existência material varia conforme o papel econômico da mulher, tanto dentro como fora das residências (KETTLER et al, 2008).

Portanto, havia um certo alinhamento entre as pesquisas de Elias e Freudenthal com as de Mannheim e seu grupo, porém a produção de Elias se distanciou em muitos aspectos do que Mannheim propunha. Para Kettler e colaboradores (2008), a postura não impositiva que Mannheim manteve com Elias pode ter sido inspirada em seu respeito a Alfred Weber, lembrada no septuagésimo aniversário deste por Mannheim:

When a philosopher with a long beard [presumably Heinrich Rickert] wanted to force me, year after year, to think as he did, and when I then came to you to submit my work, I was struck by the fear that you would similarly control whether my thoughts reproduced yours. Then you said, to my great surprise: "I will read your work, but it has already been accepted, for you are an adult and must say what you think right." These sentences have had a lasting impact on me. It is only because of this experience that I overcame, from the outset, the teacher's dangerous inclination to attempt to form students in his own image. This attitude of yours is, however, simultaneously the explanation for the fact that you have spiritually independent students everywhere in the world, who, though they will always declare themselves for you in the depths of their souls, are much too independent to form a school in the usual sense, one that fights for one-sided principles or appears self-enclosed like a sect, unified by a dogma. (Mannheim, 2001, p. 130–31 apud KETTLER et al, 2008)

CAPÍTULO 2 – FIGURAÇÃO: SIGNIFICAÇÃO, APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS DE SIMMEL E FREUD

Após uma narrativa breve contendo alguns aspectos que consideramos fundamentais sobre as condições sociais de produção das duas obras monográficas aqui analisadas, passamos agora ao conceito de *figuração*, apresentada neste capítulo de modo mais sistemático. A *figuração* é considerada por diversos autores um conceito central no pensamento eliasiano e que atravessa as duas obras monográficas analisadas neste trabalho. Acreditamos ser, assim, um conceito central para a compreensão das aproximações e dos distanciamentos da teoria weberiana.

Após uma introdução ao conceito de *figuração*, trazemos dois dos inúmeros autores presentes naquele círculo de intelectuais – seja fisicamente, seja por meio de suas obras – que, segundo o próprio Norbert Elias, apresentaram repercussões importantes na elaboração de suas obras – Georg Simmel e Sigmund Freud. O esforço de sistematização aqui empreendido não tem por objetivo levar à reificação do conceito de *figuração* (ou de outros conceitos) como se ele existisse “por si próprio”, mas sim de trazê-lo ao centro do debate para depois relacioná-lo com os contextos mais específicos analisados por Elias em “A Sociedade de corte” e em “O processo civilizador”, que serão abordados no capítulo seguinte deste trabalho.

Dessa forma, o presente capítulo tem por fim traçar um panorama geral da noção de *figuração* e mobilizar alguns pontos importantes sobre a sua gênese e também a de outras concepções de Norbert Elias sobre as formações humanas. Iniciamos agora mapeando o seu significado, partindo, sobretudo, de uma de suas obras mais sistemáticas intitulada “O que é sociologia?”, mas também considerando elementos presentes nas duas obras monográficas e resultados de análises elaboradas por alguns de seus principais comentadores.

2.1 Significado

Cabe reforçar de antemão aqui que, apesar do esforço empreendido aqui nesta pesquisa no sentido de tentar explicitar o significado teórico da *figuração* no pensamento eliasiano, é importante lembrar que, para Elias (2001b), as ideias não existem independentemente dos fatos ou pessoas, sendo que um bom trabalho teórico envolve questões importantes extraídas de realidades empíricas,

que devem ser entendidas em sua época e contexto específicos e contemplando as suas particularidades. Cabe também lembrar um ponto central do pensamento eliasiano que é essencial para compreender o que o autor entende por figuração, o seu aspecto *relacional*.

A sociologia relacional analisa a vida social a partir das “relações sociais”, sendo que o conceito de “relações sociais” varia consideravelmente de uma abordagem relacional a outra (POWELL; DÉPELLEAU, 2013). No caso de Elias, a concepção de figuração detém um elemento-chave para tal compreensão. A figuração é uma forma social na qual se desenvolvem modos específicos de relacionar-se, sendo que a sua reprodução pressupõe um equilíbrio de tensões [*Spannungsgleichgewicht*] não fixo (Figura 1) (ELIAS, 2001b). A figuração pode envolver poucos indivíduos (e.g. grupo de jogadores de dominó) ou ser de grandes dimensões (e.g. uma cidade, um país). A sociedade, por conseguinte, é explicada mediante a formação, manutenção, dissolução e repercussão de tais figurações na trama social (ELIAS, 2001b).

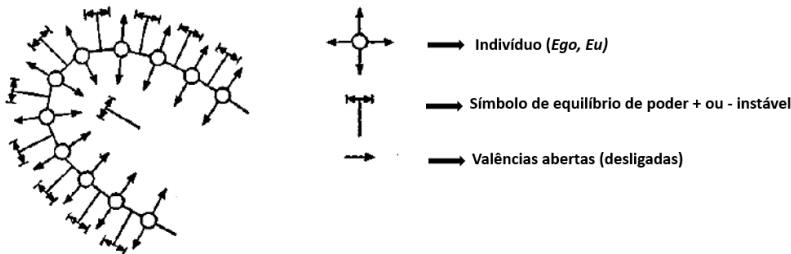


Figura 1 – Representação de indivíduos interdependentes (“família”, “Estado”, “grupo”, “sociedade”, etc.). Fonte: ELIAS, 1970.

Nesse tipo de formação social, as relações não devem ser interpretadas como abstrações, mas como uma parte concreta essencial para explicar a vida em sociedade. E, além de concretas, as relações sociais devem também ser compreendidas para além da dicotomia “indivíduo-sociedade”: as “sociedades” nada mais são do que indivíduos conectados entre si. Logo, a função da sociologia é justamente a de tornar estas redes de inter-relações transparentes (ELIAS, 1970).

Elias (1970) argumenta que é preciso que os sociólogos se distanciem de si próprios e se vejam em relação com outros seres humanos. É um problema, portanto, nós pesquisadores tendermos a encarar os indivíduos e os grupos como meros objetos e externos a nós mesmos. Precisamos superar uma visão atomística da sociedade, que foi transferida da física e da química, na qual os conceitos de “indivíduo” e “sociedade” são reificados. Isso distorce nossa visão da vida em sociedade e o indivíduo é colocado, de forma equivocada e egocêntrica, em seu centro (Figura 2).

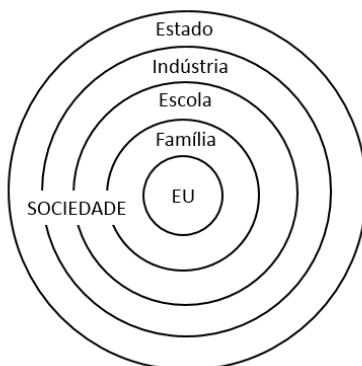


Figura 2 – Padrão básico de uma visão egocêntrica da sociedade. Fonte: ELIAS, 1970.

Para Elias (1970), a oposição entre indivíduo e sociedade não existe de fato, não passa de uma construção mental que fazemos para dar ordem ao caos da vida social. A melhor maneira de compreendermos as relações sociais e que pode ser descrita é ver-nos inseridos em teias simbólicas de interdependência [*Interdependenz*]. Nessas teias, cada ação de um indivíduo reflete e, ao mesmo tempo, depende de uma série de outras ações. Com isso, a sua liberdade permanece limitada à rede de interdependências da qual faz parte, sendo que ela dirá até onde o indivíduo pode ir e o que ele pode ou não fazer (ELIAS, 1970).

Nesse sentido, um exemplo utilizado pelo autor para explicar a interdependência é o funcionamento do jogo de xadrez (ELIAS, 2001b, p.158). Assim como no jogo, Elias argumenta que cada ação individual, por mais que aparente ser independente de outras pessoas e, por mais que seja, em parte, uma escolha individual, tal ação apresentará diversas repercussões nos movimentos seguintes. Ao mesmo tempo, essa ação ocorreu em um contexto de relações e de regras que norteiam o jogo,

seja o de xadrez ou, transcendendo para a “sociedade”, o jogo social (ELIAS, 2001b).

Elias (1970) argumenta que a separação indivíduo-sociedade está presente em diversas dicotomias profundamente enraizadas, das quais muitas vezes não nos atentamos. Da época de Elias até o momento em que vivemos, pouco ou nada mudou. A separação está presente, por exemplo, na própria delimitação das fronteiras disciplinares entre a sociologia e a psicologia. Para o autor, não existe uma separação indivíduo-sociedade, pois o social está no indivíduo e o indivíduo está no social. É preciso, portanto, superar barreiras disciplinares, para que possamos compreender, de fato, a nossa vida em sociedade. Dessa forma, Elias fornece um embasamento teórico importante para pensarmos para além das fronteiras da sociologia, articulando saberes transfronteiriços, para a elaboração de uma teoria social transdisciplinar.

Elias (2001b) considera que certos elementos presentes no indivíduo estão não no plano não da “psicologia” enquanto ciência, mas da própria necessidade vital da corte, na forma de motivos, habilidades, constituição e limitações das pessoas. Além disso, Elias (1994) confere à economia psíquica e ao autocontrole uma importância fundamental para explicar o processo civilizador. Se é possível afirmar que Elias teve alguma influência em torno de tal concepção, certamente esta é atribuída a Sigmund Freud. Um controle das pulsões e desejos individuais é exigido pelo fato de o indivíduo estar inserido em uma rede de interdependências e constrangimentos e, portanto, de ele precisar se submeter às regras do jogo social. Elias, dessa forma, atribui uma importância não apenas à forma, mas também ao conteúdo, para a transformação das figurações⁹.

Cabe destacar aqui alguns trabalhos recentes pós-eliasianos que contribuem para avançar nesse sentido, renovando a teoria social contemporânea com uma perspectiva eliasiana de sociologia relacional. É o caso de Debbie Kasper (2013) e Charalambos Tserkeris (2013). Eles enfocam, no primeiro caso, em um modelo de interações dinâmicas entre figurações sociais, estilos de vida, habitus e práticas que seriam responsáveis pela estabilidade ou fluidez da vida social e, no segundo caso, na explicação das relações nos termos da interdependência prática na qual os indivíduos estão sujeitos (POWELL; DÉPELTEAU, 2013). Estes e outros trabalhos não apenas retomam como também avançam na perspectiva proposta por Elias. Entretanto, não focalizam no debate mais

⁹ Esta questão será melhor aprofundada adiante, ao tratar das aproximações e distanciamentos entre Simmel e Elias.

amplo da inserção da articulação eliasiana relacional e transdisciplinar no seio da teoria social contemporânea, aspecto que é abordado pelo presente trabalho e, que defende-se aqui, ser muito promissor ainda para novas e antigas agendas de pesquisa nacionais e internacionais.

2.2 Gênese conceitual

Não se tem completamente claras quais foram as “influências” predominantes na formulação do conceito de figuração eliasiano. Para Neiburg e Waizbort (2006) e grande parte da comunidade acadêmica, a noção de figuração revela principalmente o seu vínculo com a sociologia de Georg Simmel, autor que esteve muito presente em sua formação intelectual. Entretanto, muitas aproximações entre a figuração eliasiana e a teoria weberiana puderam ser delineadas, assim como elementos essenciais desta concepção têm como base fundamentos da psicanálise freudiana. Além disso, a formulação teórica de Elias é explicado em grande parte pelo contexto intelectual no qual estava inserido, não surge como ideias “flutuantes” e a-históricas. Nessa sentido, teve origem também nas formulações de Mannheim (e de seu grupo) e também de Alfred Weber.

A figuração [*Figuration*] é um conceito central na sociologia eliasiana. O termo tem semelhanças com outras concepções prévias às formulações de Norbert Elias, como a de “formation” [*Gebilde*] e a de “configuration” [*Gestaltung*], ambas utilizadas tanto por Alfred Weber como por Mannheim. Os três autores empregaram esses termos para explicar elementos estruturais de uma totalidade unificada, resultante das contingências relativas a cada momento histórico e sujeita a mudanças estruturais ao longo de um processo histórico mais amplo (KETTLER et al, 2008).

Apesar disso, os conceitos variam significativamente entre si. Mesmo no período em que mais convergiram, Alfred Weber e Mannheim em muito se distanciavam em suas teorias. Alfred Weber sustentava que era a configuração psíquica-cultural que conferia significado às características aparentemente sem sentido que compõem os processos social e civilizatório, em um dado momento histórico. Já Mannheim, em uma abordagem direcionada à sociologia do conhecimento, de temas de estilo e visão de mundo próximos aos dos historiadores da arte, concebia configurações socioeconômicas como contextos para as aspirações do mundo que as definiam. Esta última foi o ponto de partida de Elias, concepção que permaneceu sob discussão

durante os anos que Elias trabalhou com Mannheim (KETTLER et al, 2008).

Após trazer alguns elementos importantes da concepção eliasiana de figuração e do influente contexto no qual ela surgiu, trataremos nessa seção de alguns aspectos importantes da figuração que foram inspirados em Simmel e em Freud, assim como algumas diferenças principais de Elias em relação a esses dois autores, sendo que as aproximações e os afastamentos da teoria weberiana serão aprofundados no capítulo seguinte.

2.2.1 Elias e Simmel: sociologia formal e figuração

Filósofo e sociólogo próximo do neokantismo, Georg Simmel é considerado um dos fundadores da sociologia formal (ELIAS, 2001a). Seu pensamento, assim como o de Max Weber, ainda continuava muito vivo no círculo de intelectuais no tempo em que Elias esteve em Heidelberg.

Waizbort (2001b, p.91) é categórico ao afirmar que “elementos fundantes e fundamentais da sociologia de Norbert Elias derivam da obra de Georg Simmel”. A argumentação de Waizbort segue no sentido de demonstrar como e em que proporção a forma de conceber o social em Elias e Simmel em muito se assemelham. Em linhas gerais, o social para ambos os autores não passa de um conjunto de relações, no qual tem importância fundamental o conceito de *Wechselwirkung* (interação, no sentido de ação recíproca), assim como também para Max Weber.

Waizbort (2001b) toma como ponto de partida de sua análise de como a concepção do social de Elias e Simmel se aproximam uma comparação feita por Simmel das formações sociais com o funcionamento de sistemas biológicos. Simmel (1999) afirma que assim como em um organismo vivo existe uma série de reações físico-químicas e outros processos internos que são invisíveis, passíveis apenas de serem vistos ao microscópio, nas diferentes sociedades existem, da mesma maneira, uma série de processos, interações, socializações, que não são vistos tão facilmente. A vida em sociedade só pode ser compreendida e ganhar corpo com estes processos “microscópicos” e as sociedades, assim como em Elias, nada mais são que indivíduos conectados entre si. O somatório de tais processos “microscópicos” levaria ao que vemos a olho nu, que são as *formações sociais*, equiparadas por Simmel aos órgãos de um corpo humano (todas as

reações físico-químicas que levam à formação, manutenção ou transformação destes permanecem invisíveis macroscopicamente).

As relações “invisíveis” ou consideradas “menores” são o que dão, em última instância, vida ou corpo às formas sociais visíveis. De fato, como Waizbort (2001b) bem coloca, em diversas obras de Elias se observa essa concepção simmeliana como pressuposto fundamental para a compreensão das diferentes situações ou processos que Elias submete à análise. Ficam particularmente muito evidentes, ao meu ver, em sua obra propriamente etnográfica, escrita juntamente com John Scotson, *Os Estabelecidos e os Outsiders*, na qual certos elementos que poderiam ser considerados como menores do cotidiano, tais como a fofoca e outros aspectos presentes nas sociabilidades diárias, invisíveis para alguém de fora do grupo social, são estruturantes de relações sociais mais amplas, responsáveis por conferir visibilidade a olho nu para observadores externos.

Parece Simmel, com isso, ter também inspirado Elias na elaboração de uma sociologia relacional. Waizbort traz à tona a interpretação de Nedelmann (1984, p. 94), segundo a qual Simmel propõe uma “concepção dinâmica e relacional de sociedade como socialização”.

Para Simmel (1999), o conceito de “sociedade” é definido a partir da diferenciação entre *forma* e *conteúdo* dessa sociedade. Trata-se de uma distinção metafórica para nomear aproximadamente os elementos a serem contrastados. Há formas de *sociação* entre indivíduos, de agrupamento e de segregação, de aproximação e de afastamento, as quais são reproduzidas em ambientes diversos.

Simmel (1999) argumentava no sentido de que, mesmo que mudem os indivíduos – o *conteúdo* –, existem características gerais que são comuns sempre que surge uma interação entre eles: daí a sociologia da forma ou formal simmeliana. A sociologia formal visa abstrair os conteúdos da sociação entre indivíduos, diferenciando-se da sociologia geral e da sociologia filosófica. Apresenta o objetivo de constituir uma disciplina não tomando a sociedade como substrato inicial na qual os indivíduos seriam os produtos, mas sim levando em consideração as formas de ação recíprocas entre os indivíduos, onde a dinâmica é menos a causa e mais a sociação em si mesma. De acordo com Vanderbergue (2005), a sociologia formal de Simmel se propunha a realizar estudos microsociológicos e a-históricos.

Em vários aspectos, o pensamento eliasiano aproxima-se da sociologia formal simmeliana. Em Simmel (1999), a sociedade surge a partir dos indivíduos em *interação*, relação na qual existe uma

influência recíproca, que pode ser de competição ou de cooperação. Esta noção simmeliana parece ter inspirado a elaboração da concepção de *interdependência* de Elias. Existe, para Elias (1970, 2001b), uma influência recíproca entre os indivíduos de uma dada figuração, porém essa influência não se resume a características de competição ou de cooperação. Os indivíduos estão, na maior parte das vezes, apenas *aparentemente*, cooperando uns com os outros (e.g. ajudar o rei a usar sua vestimenta), para que a figuração funcione bem, por meio de um equilíbrio móvel de tensões. Em Elias, os indivíduos direcionam seus comportamentos conforme as regras do jogo e do modo particular de relações, estabelecidos dentro da figuração da qual esses indivíduos fazem parte e, portanto, podendo realizar ações tanto de cooperação como de competição, tomando como base tais regras e formas de relacionar-se.

Para além dos elementos que são fundantes do pensamento eliasiano, há ainda outros aspectos da teoria simmeliana que impactaram sobre algumas de suas noções. Kuper (2014) nos chama a atenção para como Elias (1990), de modo similar à Simmel (1977), vincula os processos de diferenciação e de individualização à circulação do dinheiro. Kuper (2014) traz como exemplo disso a circulação das peças de metal. O seu uso é garantido por meio do selo de um poder central e pressupondo-se que há um nível elevado de organização social envolvido. Dessa maneira, a circulação da moeda mostra-se como um sinal claro de uma ampliação das cadeias de ações e do aumento da divisão de funções (ELIAS apud KUPER, 2014).

É possível, entretanto, denotar uma diferença importante entre a figuração eliasiana e as formações sociais analisadas por Simmel. Se, por um lado, tanto em Simmel quanto em Elias as sociedades nada mais são que “indivíduos conectados entre si” e as formações mais “visíveis” são resultantes de uma teia de “interações” ou de “relações” que se encontra sempre em *processo*, em Simmel (1999), as *formas* resultantes dessas interações aparecem como sendo, de certa maneira, imutáveis. O que se encontraria em processo em Simmel são as relações entre os indivíduos (não visíveis a olho nu, “microscópicas”) e, portanto, o *conteúdo* das sociabilidades, que é o que dá *forma* às formações sociais visíveis. Estas formações, porém, permanecem, de certo modo, previsíveis e reproduzem-se em diferentes sociedades e também com o passar do tempo.

Já em Elias (1970, 2001b), a figuração, se pode ser pensada em termos de uma forma, ela não é fixa. As figurações vivem em um fluxo constante, apesar de muitas vezes bem lento, devido à influência da ação

que os seres humanos têm sobre elas. Se em Simmel (1999) a forma é produto e, ao mesmo tempo, produtora do conteúdo, em Elias (1970, 2001b), além disso, *o conteúdo também é produtor da forma*.

Dessa maneira, em Elias, ao contrário de Simmel, as ações (e as emoções) dos indivíduos têm o potencial de influenciar, em maior ou menor grau, as figurações. Nesse sentido, poderia se afirmar que o indivíduo eliasiano parece ser detentor de um potencial de agência maior do que o indivíduo simmeliano. Isto não significa que em Simmel a *agência* não tenha importância. Como se sabe, os interacionistas simbólicos conferem um papel grandioso aos *atores*. Porém, tais atores não possuem a capacidade de modificar a *forma* de uma dada sociedade, tão somente o seu *conteúdo*, que se encontra em processo contínuo de mudança.

2.2.2 Elias e Freud: economia psíquica e autocontrole

Lahire (2013) aponta que na França, e também em outros países, Elias é frequentemente lido apenas como um seguidor de Max Weber, sendo subestimada a importância de Freud em seu projeto intelectual. No Brasil, talvez Elias seja mais frequentemente associado à teoria simmeliana. O fato é que, como veremos adiante, o próprio Elias admitiu ter na psicanálise uma importância vital para as suas análises. Tamanha importância refletiu no fato de que Freud foi uma das primeiras pessoas a quem Elias endereçou uma cópia de “O processo civilizador”. Freud o agradeceu brevemente em um cartão-postal enviado em 1938, de Viena para Londres (WALDHOFF apud LAHIRE, 2013). Elias estava tão ligado ao que Freud estava produzindo que, tão logo publicou “O processo civilizador”, pensou em Freud como seu leitor ideal e, sem dúvida, pode ser considerado o mais freudiano dos sociólogos (LAHIRE, 2013).

Conforme destacaram Leão e Farias (2012), Elias chegou em Frankfurt em um momento propício para o desenvolvimento de trabalhos comparativos e interdisciplinares que articulavam, entre outras disciplinas, a psicologia, a sociologia e a história. Foi mais ou menos no mesmo período também que o Instituto de Psicanálise foi fundado ali, o que pode ter favorecido o contato de Elias com os estudos de Freud. Segundo Leão e Farias (2012), o “jovem Elias” teria também entrado em contato com os trabalhos de Jean Piaget e Heinz Werner.

Um elemento que é característico das figurações é a *regulação e o controle das emoções* dos indivíduos, mais extensamente descrito por

Elias em “O processo civilizador”. Tal aspecto, que também está presente em “A sociedade de corte”, é mediado pela etiqueta e pelo cerimonial, exigindo dos indivíduos um alto grau de autocontrole e autodisciplina, não só dos súditos que se submetem a um soberano, como também do próprio soberano, que não escapa da rede de interdependências característica da figuração na qual encontra-se imerso (ELIAS, 2001b). Tal controle foi constitutivo do processo civilizador, explicando grande parte dos comportamentos, aparentemente não explicáveis, presentes no processo de desenvolvimento ocidental.

Na figuração, devido à forma como se estruturam as relações, ao caráter de interdependência entre os indivíduos, exige-se que seja feita uma contenção dos desejos individuais em prol das regras do jogo social, a qual é responsável por originar uma série de constrangimentos sociais na vida em sociedade. Instala-se, dessa maneira, uma economia psíquica própria que rege os comportamentos dos indivíduos inseridos nas figurações, de modo que, para compreender as suas ações, eles nunca podem ser tomados isoladamente, mas considerando todos estes aspectos. Um dos grandes interlocutores de Elias no que diz respeito a esse controle dos afetos e das emoções é Sigmund Freud.

Esta característica elementar das figurações se desenvolveu ao longo do processo civilizador. Segundo Elias (1994b), apesar de o processo civilizador não envolver planejamentos racionais, é possível reconhecer que ele foi caracterizado por uma ordem e direção bem específicas. Tal processo engendrou uma série de transformações. Dentre elas, o autocontrole surgiu como condição essencial para que os indivíduos convivessem. Dessa forma, com ou sem a consciência desses indivíduos, mudanças psicológicas substanciais os acompanharam desde os seus primeiros anos da infância. Se antes do processo civilizador, as paixões controlavam os indivíduos (pois havia pouco controle sobre os prazeres ou sobre os usos da força física), depois dele o indivíduo passa a controlar as suas próprias paixões. E, se antes os indivíduos se permitiam dar vazão às suas paixões e predominavam ações afetivas/emocionais, durante o processo civilizador o indivíduo aprende a exercer um autocontrole, de caráter desapassionado (ELIAS, 1994b).

A violência física passa então a estar confinada aos quartéis e se instaura uma organização monopolista da força, que controla agora a conduta dos indivíduos, não só uma ou outra forma de conduta, mas todo um *padrão*. Surgem, dessa forma, pressões contínuas, as quais atuam mediante as reflexões do próprio indivíduo – a “compulsão real”, aquela que o indivíduo exerce sobre si mesmo. Com isso, são inibidas as “explosões emocionais”, de modo a abrandar flutuações extremas no

comportamento e nas emoções por meio de uma auto-supervisão automática das paixões. Surge, então, um “superego” voltado para a conformidade com a estrutura social (ELIAS, 1994b).

Com uma vida menos perigosa, mas também menos emocional ou agradável, os indivíduos criaram substitutos onde suas paixões podem ser expressas: nos livros, nas pinturas, nos sonhos. O campo de batalha então agora está presente não mais *entre* as pessoas, mas *dentro* das pessoas, na luta que enfrentam entre seus impulsos/sentimentos apaixonados (inconsciente) e sua instância auto-reguladora. Isso é em parte um autocontrole consciente e, em parte, um hábito automatizado. O equilíbrio entre os controles e as pulsões irá determinar como a pessoa se posiciona em suas relações com as outras, sua estrutura de personalidade. A civilização do ser humano, dessa forma, não é um processo indolor e deixa cicatrizes. Ocorre uma modelação social na qual a maioria das pessoas vive em um meio-termo entre os dois extremos (ELIAS, 1994b).

Com o controle mais severo das emoções e dos afetos surge o indivíduo *civilizado*, caracterizado por uma *economia psíquica* específica, marcada pelo autocontrole psíquico e mediante a qual o indivíduo guia todos os seus comportamentos, inserido em figurações. E, na medida em que aumenta a cadeia de interdependências na qual o indivíduo encontra-se engendrado, aumenta também a intensidade do controle dessas emoções e desses afetos (ELIAS, 1994b).

Coury (2010) chama a atenção para um aspecto específico envolvido no aumento dessa cadeia, categoria que intitula de “a arte de reagrupar-se”. Coury (2010) lembra que, em uma dada figuração, os indivíduos são tanto condicionados socialmente pelas representações que fazem de si próprios, quanto por aquelas que lhe são fixadas pelos outros indivíduos com os quais estabelecem alguma relação. Tais representações são importantes porque podem guiar os indivíduos para observar e encontrar seus semelhantes. O reconhecimento de seus próprios interesses nestes outros indivíduos permite que eles formem juntos grupos que até então permaneciam imperceptíveis.

Apesar de fazer poucas referências a Freud em suas obras, em uma entrevista guiada por Roger Chartier, Elias deixou claro o lugar central da psicanálise freudiana em suas obras, em especial em “O Processo Civilizador” (SCARAMBONI, 2012). Porém, Elias reconheceu uma necessidade de ir além da teoria freudiana, ao denotar que a estrutura de personalidade dos indivíduos não é algo estanque, mas sim que varia com o tempo e que, portanto, haveria a necessidade de outros novos termos e conceitos (e. g. o superego) para se pensar a

economia psíquica em seu tempo, que já não era mais aquela mesma dos indivíduos do século XX (CHARTIER, 1985). Desse modo, Elias propõe em suas obras uma releitura freudiana sobre o funcionamento da psique e do desenvolvimento do indivíduo, do nascimento à idade adulta, por meio de uma perspectiva processual e histórica (SCARAMBONI, 2012).

Conforme assinala Lahire (2013), Elias, ao mesmo tempo em que construiu um corpo analítico totalmente dependente de Freud, é também extremamente distinto, original. Freud inspirou Elias em grande medida, porém ele não se salvou de suas críticas, sistematizadas na obra “Além de Freud: sociologia, psicologia, psicanálise”¹⁰ (ELIAS, 2010). Uma dessas críticas é a de que Freud contrapunha o indivíduo a uma sociedade externa a ele, hostil, reificando, dessa forma, o inconsciente. Outro fator é a crítica já denunciada por outros leitores de Freud¹¹, a de que este, ao reduzir tudo a pulsões sexuais, não considerou a pluralidade de valências que é possível ao indivíduo¹² (LAHIRE, 2013).

¹⁰ Publicada originalmente em alemão e em inglês, teve sua versão mais conhecida em francês, recentemente traduzida.

¹¹ Tal crítica já teria sido tecida pelo psicanalista Carl Gustav Jung, seu aluno e um de seus principais seguidores.

¹² Anteriormente havíamos abordado como, em uma figuração, os indivíduos mantêm “valências abertas”, termo advindo da química, que equivaleriam a potenciais de ação ou de relação com outros indivíduos (“átomos”). Este tema será melhor retomado no último capítulo.

CAPÍTULO 3 – MAX WEBER E NORBERT ELIAS

Desde o princípio de sua carreira acadêmica, Elias já entrou no “mundo” de Max Weber – estudando sociologia em Heidelberg, participando das reuniões no salão de Marianne Weber, sendo orientado por Alfred Weber. Apesar disso, Elias não se tornou um “weberiano”. Devido ao ambiente intelectual de Heidelberg, era quase impossível que nas suas obras não emergissem temas weberianos. Entretanto, Elias formulou suas próprias ideias, contribuindo posteriormente não só para complementar Weber, como também para, de certa forma, corrigir aspectos unilaterais de sua teoria. Apesar disso, ao tentar corrigi-lo, as formulações de Elias podem ter envolvido outras formas de unilateralidade, como, por exemplo, em torno da questão da individualização (BREUER, 1994).

Até este momento do trabalho, fizemos uma análise geral dos contextos de produção das obras “A sociedade de corte” e “O processo civilizador”, com um enfoque acentuado no tempo de Elias em Heidelberg. Além disso, fizemos uma breve recuperação de sua gênese teórica e do significado do conceito de figuração. No terceiro capítulo faremos uma análise mais aprofundada dos pontos de contato entre Weber e Elias, com ênfase nas duas obras monográficas mencionadas.

Procuramos, após realizado um desenvolvimento teórico sistemático e contextual, finalizar este trabalho com as duas obras que clareiam os conceitos discutidos até aqui e sua gênese teórica, por seu caráter dual – teórico e empírico. O conceito de figuração aqui ganha corpo e complexidade com a riqueza de detalhes presente nessas duas obras. Além disso, neste capítulo serão analisadas as aproximações de Elias à Weber agora em termos teórico-metodológicos, assim como também, igualmente importantes, os seus distanciamentos.

O conceito de figuração foi formulado por Elias quando esteve inserido em um contexto pós-weberiano na Alemanha e, como vimos no primeiro capítulo, tal contexto impactou em grande medida nas produções sociológicas do período. Já em sua primeira obra¹³, “A Sociedade de Corte”, que deriva substancialmente de sua inserção nesse contexto intelectual, a noção de figuração de Elias aparece não só em explicações teóricas como também e principalmente como passível de verificação e é verificada na corte de Luís XIV. Devido ao contexto de

¹³ Apesar de a obra “A sociedade de corte” ter sido publicada apenas em 1969, Elias já havia escrito sua primeira versão como tese de habilitação em Frankfurt, quando seguiu com Mannheim em 1930.

produção dessa obra, assim como também de “O processo civilizador”, muitos posicionamentos de Elias podem aparecer em consonância com a teoria weberiana, ao passo que outros se distanciam, porém tendo o referencial de Weber como um ponto importante de contraste. Apresentaremos a seguir tais pontos distribuídos em duas seções, cada uma contendo uma ênfase maior em cada uma das obras, porém incorporando argumentos de ambas ao longo da discussão.

3.1 Weber em Elias em “O processo civilizador”

Em Elias, uma ação individual nunca pode ser desvinculada da trama de relações na qual o indivíduo está imerso, da figuração a qual ele pertence. O social está no indivíduo e o indivíduo está no social, permanecendo indissociáveis. Além disso, existe ainda um outro fator importante para entender Elias, que é o fato de que as figurações e, portanto, a própria civilização, encontram-se e devem ser compreendidas em *processo*. Seres humanos singulares (e suas ações) e os processos sociais são absolutamente inseparáveis. Tal como a fala provém de uma língua preestabelecida em cada sociedade, as demais ações individuais derivam igualmente de processos sociais já em andamento (NEIBURG; WAIZBORT, 2006).

Conforme reconheceu Souza (2001), são vários os diálogos possíveis entre Weber e Elias. Para Souza (2001), o mais evidente deles seria a compreensão do processo de desenvolvimento ocidental a partir da questão do controle dos afetos dos seres humanos e dos seus sentimentos mais primários. Sob esta perspectiva, não apenas a psicanálise freudiana teria apresentado um papel central na formulação do pensamento eliasiano, como também a própria sociologia weberiana.

O pressuposto fundamental é que o processo civilizador carregou em seu cerne, em última instância, um processo psíquico em desenvolvimento, que tem no autocontrole (e na vigilância externa) um papel central¹⁴. Ao longo da história, surge o desconforto social relacionado a certas práticas individuais, sendo que o ponto fundamental para entender a continuidade dessas práticas ao longo do tempo – mesmo com todo o desconforto que elas engendram, seja na etiqueta ou nas boas maneiras – é a questão do *sentido*, que só pode ser compreendido ao vermos nós mesmos inseridos em figurações.

¹⁴ Essa questão foi analisada anteriormente na subseção “Elias e Freud: economia psíquica e autocontrole”.

Existiriam, para Elias (1994a), dessa forma, ligações estreitas entre a estrutura do comportamento e da constituição psíquica e a estrutura da sociedade, discussão que conclui “O processo civilizador”. Além disso, um outro aspecto em comum nesse desenvolvimento ocidental, segundo Kuper (2014), é a concepção de Elias, já presente em Weber, de que a diversificação social seria produzida por meio de processos, ocorridos paralelamente, de urbanização e burocratização.

A ideia de controle dos afetos já se fazia presente em Weber (1996), por meio da noção de disciplina, que constituía uma característica fundamental do processo de racionalização ocidental. O processo de racionalização, para Weber, contribuiu sobremaneira para a formação do “espírito do capitalismo” e para o desenvolvimento das sociedades modernas, por meio dele desenvolveu-se um “desencantamento do mundo”, vencendo as barreiras impostas pela magia e pela religião. O protestantismo, ao adotar uma conduta que favorece à acumulação e ao consumo, desencanta a religião, o que leva a um processo crescente de racionalização, levando a uma transição dos ritos mágicos aos ritos de salvação.

Habermas (1987) distinguiu em Weber duas esferas de racionalização. Uma cultural ou das imagens do mundo, e outra social. Para a compreensão do processo evolutivo da racionalização cultural, Habermas considerou elementos que variavam de um lado a outro do globo. No Ocidente, aparecem os racionalismos de dominação do mundo, com valorização da dimensão ética, através do cristianismo e do judaísmo, além da contemplação do mundo da filosofia grega, que valoriza a dimensão cognitiva. Já no Oriente há menor potencial de racionalização cultural: o hinduísmo traz a fuga do mundo e o confucionismo prega acomodação ao mundo. A racionalização social diz respeito à institucionalização da ação social na compreensão moderna do mundo. Weber demonstrou como o puritanismo foi importante para o modo de vida objetivado. Nesta forma de viver, as relações se tornam objetivadas, à medida que a ação não tem importância moral em relação aos outros indivíduos (SELL, 2013).

Segundo o testemunho de Marianne Weber, a questão inicial de Max Weber relativa às relações entre religião e economia é retomada e ampliada após o seu estudo dedicado à música em 1910. Ali Weber teria tomado nota da especificidade do racionalismo ocidental e teria transformado a discussão em um conjunto maior a respeito da civilização ocidental (COLLIOT-THÉLÈNE, 2010).

Para Elias (1994a, 1994b), a racionalização não era central no processo de desenvolvimento ocidental, tal como propôs Weber, mas

apenas uma parte dele. A racionalização não estava acima, em caráter de importância, do próprio “processo de civilização individual”, no qual ocorreu uma substancial transformação da economia psíquica em todo o Ocidente.

Elias parte também de Weber para falar do monopólio do uso legítimo da força pelo Estado¹⁵, tendo como ponto de partida principalmente a definição weberiana de Estado na conferência “Política como vocação” (WEBER, 1967). Conforme destaca Lahire (2013), é daí que Elias parte para analisar o processo de formação histórica (sociogênese) e seus efeitos nas estruturas de sensibilidade e comportamento (psicogênese), durante o processo civilizador no Ocidente.

Outro diálogo entre os dois autores toma como ponto de partida a questão da História, dos processos sociais e dos tipos ideais. Aqui existem aproximações, mas também afastamentos importantes de Elias em relação à Weber. Segundo a concepção weberiana de tipos ideais:

A Sociologia constrói – o que já foi pressuposto várias vezes como óbvio – conceitos de *tipos* e procura *regras gerais* dos acontecimentos. Nisso contrapõe-se à História, que busca a análise e imputação causal de ações, formações e personalidades *individuais culturalmente importantes*. (...) Como em toda ciência generalizadora, seus conceitos, devido à peculiaridade de suas abstrações, têm de ser relativamente *vazios* quanto ao conteúdo, diante da histórica realidade concreta. (WEBER, 2014, p. 12)

A ideia central presente nessa noção weberiana é a de que, ao se elegerem os tipos ideais, considera-se também a História. Nessa concepção, as figurações não se alteram ao decorrer do tempo. Diferentemente de Elias, em Weber (2014) as “personalidade individuais culturalmente importantes” são só importantes para a História, pois os tipos ideais são atemporais; com isso constituem modelos conceituais de figurações que independem dos indivíduos e

¹⁵ Destrincharemos na seção seguinte sobre como, em Elias, desenvolve-se o monopólio da violência pelo Estado, manifestada, sobretudo, por meio das regras da vida de corte, autocorção e domínio das emoções.

grupos e, devido a isso, não variam historicamente. Para Weber (2014), portanto, o *conteúdo* deve ser abstraído para que possa ser identificada a *forma* que se repete nos diferentes espaços e tempos e é aí que se situa a Sociologia. Tal distinção da forma e do conteúdo já estava presente nos escritos de Simmel. Em Weber, essa separação é essencial para a Sociologia, já que visa identificar repetições e alcançar diferentes níveis de generalização.

Para Elias, tal esvaziamento do conteúdo não faz sentido, por diferentes motivos. Em um de seus argumentos, presente em “O processo civilizador”, Elias afirma que se fosse substituir o conceito de “tipo ideal” por outro seria pelo de “tipo real”:

As semelhanças que o observador de diferentes povos e sociedades encontra não são tipos ideais que têm, em certo sentido, de ser mentalmente construídos, mas um parentesco real, existente, entre as próprias estruturas sociais. Se falta isso, fracassa todo conceito de tipos do historiador. Se temos que contrapor outro conceito a esse de “tipo ideal”, escolheríamos o de “tipo real”. A semelhança entre diferentes sociedades feudais não é um produto artificial do pensamento, mas, reiterando-o, resulta do fato de que formas semelhantes de aglutinação social apresentam forte tendência a se desenvolverem de uma maneira que, de fato, e não apenas “na idéia”, produz padrões correlatos de relacionamento e instituições em distintas ocasiões e locais da sociedade global. (ELIAS, 1994b, p. 276-277)

Também em “A sociedade de corte”, Elias (2001b) demonstra uma opinião contrária à de Weber. Na visão de Weber, não faria sentido analisar sociologicamente um indivíduo singular ou uma configuração específica, como fez Elias em “A Sociedade de Corte”. Porém, cabe lembrar que Elias estava analisando não um rei em particular, mas sim a *função* de rei e o tipo específico de dominação que ali estava implicado. Além disso, Elias explica que, apesar de as figuras terem a *aparência* de fenômenos repetidos elas, na realidade, *estão se modificando lentamente ao longo do tempo*, de modo que a sua evolução parece imóvel. Elias demonstrou essa tese em “O processo civilizador”, nos convencendo de como um padrão de comportamento humano muda

muito gradualmente em uma direção específica. Assim, gerar modelos conceituais das figurações como “estruturas artificiais” acarretaria, para Elias (2001b), em uma confusão. Nas palavras do autor:

Trata-se aproximadamente da mesma ideia que Max Weber exprimiu ao apresentar seu modelo de figurações determinadas, que se encontram em movimento num fluxo lento, como “tipos ideais”. Os modelos da burocracia, da cidade, do estado ou da sociedade capitalista que ele procurou trabalhar não dizem respeito a nexos humanos, a figurações de indivíduos interdependentes introduzidas em seu material de observação exclusivamente por ele, como pesquisador, a fim de trazer ordem para algo desordenado. Tais figurações são tão reais como os homens singulares que as formam. (ELIAS, 2001b, p. 39)

Para Elias (2001b), portanto, o conteúdo também é importante para a análise sociológica porém, com o nosso olhar voltado a relações sociais particulares dentro de figurações específicas, vistas de modo relacional e processual. Isso porque as figurações podem apenas ser definidas quando explicadas pelo sociólogo e, somente nesse momento, é que “congelam” no tempo.

3.2 Weber em Elias em “A Sociedade de Corte”

Apesar de “O processo civilizador” ter sido a primeira obra publicada por Elias e também se tornado a mais conhecida, “A sociedade de corte”, como vimos anteriormente, foi a sua primeira obra sociológica. Nesta obra, Chartier salienta em seu prefácio que Max Weber é um interlocutor privilegiado, sendo que “*Wirtschaft und Gesellschaft*” (“Economia e Sociedade”) é citado em quatro momentos (CHARTIER in ELIAS, 2001b). Embora esta seja a principal obra weberiana referenciada por Elias, existe também um forte eco de “A ética protestante e o espírito do capitalismo” (KETTLER et al, 2008).

Na obra, ao analisar a realidade da sociedade de corte francesa do Antigo Regime no governo de Luís XIV, Elias aprofunda questões que também estão presentes em “O processo civilizador”, porém esmiuçando-as com uma maior riqueza de detalhes. Por tal riqueza

etnográfica, ao lermos seu texto nós facilmente ficamos com a impressão de Elias ter estado presencialmente naquele local e naquele momento histórico, registrando informações como alguém “de dentro” da corte.

Um dos aspectos presentes em “A sociedade de corte” onde Elias parte de Weber é a questão do “luxo”. Naquele contexto, o luxo apresentava uma função vital:

Max Weber foi perspicaz quando disse: “O ‘luxo’, no sentido de uma recusa da orientação racional e propositada do consumo, não é algo ‘supérfluo’ para a camada dominante do feudalismo, mas um dos meios de sua autoafirmação social. (ELIAS, 2001b)

Ele era, sobretudo, algo necessário, pois os gastos dos nobres com artigos de luxo eram vistos como despesas destinadas a manter um certo nível de status e prestígio social dentro da corte e fora dela. Dessa maneira, o luxo consistia em algo obrigatório, visto que era parte das convenções adotadas naquela configuração social e, portanto, os indivíduos precisavam incorporá-lo ao seu estilo de vida, para poderem manter determinadas posições sociais. Só era permitido negar o luxo àqueles indivíduos que não estavam interessados nem em ingressar nem em permanecer na corte.

Outro ponto de contato importante entre Elias e Weber é a concepção de Estado e de dominação. “Por que os dominados se submetem?” parece ser uma das questões centrais da teoria de Weber. A dominação é para Weber é um dos elementos mais importantes da ação social. Norberto Bobbio (2000) analisou que a teoria weberiana partiu do “comportamento do sujeito legitimante em relação ao poder a ser legitimado”, que seria, em termos de tipos ideais, a crença dos indivíduos dominados no *tipo* de liderança, que seriam de ordem racional, tradicional ou por meio do carisma. Para a elaboração destes tipos ideais, Weber (2014) parte do pressuposto de que a dominação consiste na probabilidade de encontrar obediência a um determinado mandato (WEBER, 2014).

Um estado de coisas pelo qual uma vontade manifesta (mandato) do dominador ou dos dominadores influi sobre os atos de outros (do dominado ou dos dominados), de tal modo que, em um grau socialmente relevante, estes atos

têm lugar como se os dominados tivessem adotado por si mesmos e como máxima de sua ação o conteúdo do mandato (obediência). (WEBER, 2014, p. 96)

De modo geral, Elias (2001b) apesar de partir de Weber em muitos aspectos relacionados à dominação, ele responde à referida questão de uma forma muito diferente. Elias demonstrou empiricamente como a dominação adquiriu características muito peculiares em uma figuração específica – a figuração de corte. Elias evidenciou de que maneira o rei Luís XIV precisou da sua corte para poder governar no Antigo Regime, esmiuçando os seus mais detalhados elementos concretos e rotineiros. Segundo Elias (2001b), nos termos de Weber esse tipo de poder seria classificado como “poder tradicional” (do patrimonialismo ao sultanismo), ou ainda como uma das “burocracias patrimoniais fortemente centralizadas”. A dominação carismática¹⁶, segundo Elias (2001b) ajuda um pouco mais a compreender tal forma de poder: explica um pouco da crise da dominação autocrática, na qual um soberano conta com a ajuda de outros para se impor, geralmente de grupos até então marginalizados. Apesar disso, nenhum dos “tipos ideais” traçados por Weber se encaixaria, de modo pleno, para explicar tal figuração em profundidade.

¹⁶ Elias (2001b) explica que, na dominação carismática, o líder é como o cavaleiro que atravessa o lago de Constanz. Na lenda, o cavaleiro deve passar por um gelo quebradiço, chegando à outra margem. Caso consiga, todos o verão como um “grande homem”, pois existe uma tendência de confundirmos êxito com grandeza pessoal. Dessa forma, passa a ser enxergado como alguém de aptidão extraordinária, capaz de sempre tomar decisões adequadas em situações difíceis.

Quadro 1 – Características principais da dominação autocrática com corte e da dominação carismática, em perspectiva comparada

	Dominação autocrática com corte	Dominação carismática
Objetivo principal	O rei governar com segurança, liberdade e durabilidade	Fortalecer um grupo central frente a um campo de dominação mais amplo
Estratégias	Estratégias racionais de corte; “métodos do rei”, materializados através da etiqueta	Estratégias calculadas ou ações racionais não importam muito
De que forma?	Promover o dissenso entre os nobres membros da corte, direcionar e equilibrar as tensões	Apontar uma unidade ao grupo central carismático
Pressão social	Predominantemente interna	Direcionada para fora
Status	Herdado e estável. Por isso, as ações do rei são direcionadas para a manutenção de um poder já conquistado.	Dominação carismática em fase de consolidação. As ações objetivam a formação de um grupo sólido, mesmo já havendo um status herdado.
Soberano	Conservador e defensivo; postura mais passiva, de manter uma posição herdada	Conquistador (“cavaleiro que atravessa o lago de Constanz”); postura mais ativa
Ações do rei	Racionais (“cálculo” de acordo com a racionalidade de corte)	Não precisam ter fundamento racional
Previsibilidade	Altamente previsível	Previsibilidade menor e, com isso, o planejamento se torna mais restrito
Relação com súditos	Não há confiança, nem amizades. Relação indireta com os súditos, designa tarefas, agindo principalmente por meio da etiqueta	A relação deve ser a mais direta possível e deve haver confiança do soberano na lealdade sincera das pessoas de seu grupo central, acreditando que o seguem porque se identificam com os seus interesses

Fonte: Própria autora, a partir de informações extraídas do capítulo VI de “A Sociedade de Corte” (ELIAS, 2001b).

Para Elias (2001b), o grande risco de uma dominação autocrática só pode ser compreendido quando se vai além de modelos genéricos de explicação desse tipo de dominação. Para entender a fundo o “mecanismo de realeza” é preciso ver também como questões importantes são extraídas das ações rotineiras do rei (aparentemente banais) e de “*medidas institucionais com que o soberano e seus grupos centrais procuram responder à pressão desse risco*”. Em última instância, é preciso compreender como se estruturam figuras específicas, com suas interdependências, hierarquias, de modo que um *equilíbrio de tensões*, característico das figuras dos mais diversos tamanhos e tipos, possa conferir ao soberano um poder sem precedentes.

Dessa forma, para Elias a dominação manifestada na corte francesa de Luís XIV não poderia ser explicada como Weber sugeriu, como uma dominação corporativa e patrimonial. Na figuração da sociedade de corte, a própria corte é a principal estratégia de perpetuação do poder pessoal dos reis franceses. Para tanto, são utilizados três instrumentos de dominação que definem a sociedade de corte – *a etiqueta, o monopólio fiscal e o monopólio militar* (ELIAS, 2001b).

Para um rei, até mesmo a rotina de acordar pela manhã e ir para a cama à noite pode servir como instrumento de dominação. Entender isso não é menos importante para a compreensão sociológica desse tipo rotineiro de dominação autocrática do que para a percepção mais genérica da estrutura do “mecanismo de realeza”. Somente aprofundando a análise desses paradigmas específicos chega-se a uma imagem clara daquilo que antes foi formulado com certa precisão teórica. (ELIAS, 2001b, p. 47)

A etiqueta possui um papel central no tipo de dominação autocrática de corte. Por meio dela é que se materializa um tipo específico de racionalidade – a “racionalidade de corte”. Trata-se de um planejamento calculado da ação, que engendra estratégias de comportamento perante os outros indivíduos, baseadas nos critérios de obtenção de status e de prestígio. Nesta lógica, os indivíduos se auto-legitimam, ao mesmo tempo em que também legitimam a figuração e o soberano. Isto se torna possível por meio da etiqueta, de modo que uma série de formalidades coercitivas são executadas a fim de serem

obedecidas as lógicas de ganho e de perda de status e de prestígio na figuração de corte. Nessa racionalidade específica, o autocontrole e a autodisciplina exercem um papel fundamental¹⁷ (ELIAS, 2001b).

Por meio da etiqueta, o rei podia controlar, dominar e manipular todos os membros da corte, aumentando o grau de interdependência dos súditos em relação a ele. Ela permitia controlar as tensões e as emoções na corte, além de estabelecer valores de prestígio de forma hierarquizada. Por meio da relação que o rei mantinha com a corte permitia a ele também governar em um campo de dominação mais amplo. Um princípio básico dessa forma específica de dominação é a promoção de hostilidades entre os súditos, reduzindo, assim, hostilidades direcionadas ao rei e aumentando as interdependências (ELIAS, 2001b).

Kettler e colaboradores (2008) afirmam que Elias descreveu o comportamento das cortes como racional em vez de tradicional e que isso se fazia necessário para que as cortes pudessem calcular as suas estratégias dentro do campo, de forma que poderiam assim prever as ações de outros indivíduos. A partir dessa ideia, Kettler e colaboradores (2008) se posicionam afirmando que esta formulação é weberiana, no sentido de que a orientação e o comportamento dos indivíduos estão ligados ao campo mais amplo. Em última instância, assim como em Weber, só é possível de compreender os indivíduos enxergando-os *em relação*. No caso de Elias, em uma *trama de relações*, dentro de figurações específicas.

Ainda segundo Kettler e colaboradores (2008), a etiqueta de corte não representava uma totalidade significativa maior, uma espécie de “ideologia” ou algo do gênero, mas sim um conjunto de regras para indivíduos racionais que, ao mesmo tempo, reforçam e legitimam as relações de poder ali estabelecidas. Porém, apesar de na realidade analisada por Elias haver uma racionalidade particular envolvida – a de corte – as ações que se desenvolvem dentro dessa configuração não são mecânicas ou apenas movidas por interesses. Um argumento que parece complementar esta ideia é a de Miceli (2001b) que, ao tratar sobre a questão da determinação em Elias, argumenta que o *sentido* teria um papel crucial no direcionamento dos comportamentos dos indivíduos na corte. O sentido aqui aparece não em termos de que existiria um todo fixo dotado de sentido, mas sim que as ações dos indivíduos integrantes

¹⁷ Daí a importância da psicanálise freudiana nesta obra e também em “O processo civilizador”.

da corte seriam guiadas, em grande medida, pelo sentido que a figuração e a posição ocupada dentro dela teriam para cada um deles.

Para uma compreensão do sentido, portanto, é necessário olhar para o indivíduo, mas o para o indivíduo em relação e inserido em figurações. Isso explicaria porque certos indivíduos permanecem em determinadas posições dentro das configurações, mesmo diante de todo o mal-estar que é gerado pela determinação, pela etiqueta (que exige um alto grau de autocontrole das emoções e paixões, sendo gradativamente maior quanto mais próxima é a posição na qual o indivíduo se encontra em relação ao polo de poder) e pelo grau de interdependência a que se submetem.

Sob tal perspectiva, da qual também concordamos, as ações na corte não seriam limitadas a ações racionais, relacionadas a fins ou a valores. Ações afetivas podem surgir, porém, quando aparecem, são ou reguladas pela etiqueta ou são repelidas, podendo nesse caso o indivíduo vir a sair da configuração, seja por motivação própria (pelo fato de não encontrar mais sentido naquela estrutura) ou mesmo por iniciativa de outros membros, quando o indivíduo optar por dar vazão às paixões ou emoções, desrespeitando às regras e convenções da configuração específica da qual faz parte. Nesse caso, conforme apontaram Neiburg e Waizbord (2006, p. 27), “um ser humano singular pode possuir uma liberdade de ação que lhe permita desligar-se de determinada figuração e introduzir-se em outra, mas se e em que medida isto é possível depende de fato das peculiaridades da figuração em questão”.

3.3 O método weberiano e o método eliasiano: aproximações e distanciamentos

Como vimos, a teoria social desenvolvida por Max Weber teve um impacto significativo na elaboração do pensamento de Elias, o qual foi aprofundado aqui considerando principalmente a elaboração de suas duas obras monográficas. Apesar disso, existem diferenças cruciais entre Elias e Weber, em termos metodológicos, que devem ser bem pontuadas aqui para concluirmos este trabalho.

Segundo o próprio Elias (2001a), o método compreensivo e explicativo de Max Weber teria influenciado em grande medida suas pesquisas, método que teria sido adotado igualmente por Mannheim, quem acompanhou durante muito tempo em sua vida acadêmica, durante e após a sua estada em Heidelberg.

Além disso, para Ducret (2011), em inúmeros aspectos Elias e Weber se aproximam. Um aspecto central da figuração que uniria os dois autores, segundo Ducret (2011), é o próprio conceito de *ação*. Ducret (2011) explica que, tanto em Weber quanto em Elias, os indivíduos não estão “flutuando no espaço”, mas sim encontram-se presos em um teia de relações com os outros indivíduos. É a reciprocidade da ação [*Wechselwirkung*]. Além disso, Weber e Elias concordam com a ideia de que a “ação social” combina, em termos gerais, tanto o aspecto “racional” (no sentido da racionalidade instrumental) quanto o “irracional” dessa mesma ação (DUCRET, 2011).

Apesar disso, ressaltamos aqui o posicionamento do próprio Elias no sentido de que sua “teoria sociológica da interdependência” divergiria em larga medida tanto das teorias da ação, como das teorias da interação (ELIAS, 2001b, p. 157). Aqui Elias se posiciona tanto em relação a Weber quanto a Simmel. Em Elias, de certa forma, não existe propriamente uma “ação individual”. Desde a infância, o indivíduo cresce em dependência a outros indivíduos nas figurações nas quais se insere ao longo da vida, com um relativo grau de autonomia. Sendo assim, não existem ações estritamente “individuais”, já que estas ações encontram-se sempre relacionadas às regras e convenções das figurações nas quais o indivíduo está imerso (ELIAS, 2001b).

Apesar de não concordar com o ponto de partida das teorias da ação e da interação, Elias também demarcou posições frente às teorias dos sistemas. Ele privilegiou a figuração principalmente como uma entidade estrutural-funcional. Desse modo, pode-se dizer que Elias se posicionou mais próximo à Max Weber (KETTLER et al, 2008). Se considerarmos seu pensamento situado entre dois polos extremos, onde encontraríamos um holismo e um individualismo metodológicos radicais, Elias se aproximaria muito mais dos teóricos da ação do que daqueles que argumentam sobre a existência de sistemas. Elias, em sua definição de figuração, posiciona-se:

A princely court, a court society, is a formation consisting of many individual people. ... It does not sound very convincing to speak of a “system of people.” For this reason the concept of figuration is used here instead. One can say: “A court is a figuration of individual people” without doing violence to the words. ... The concept of a figuration has the advantage that, unlike that of a

“system,” it arouses the expectation neither of something closed on itself nor of immanent harmony. The term “figuration” is neutral. ... Court society is full of tensions, but this does not detract from its character as a specific figuration of people.¹⁸ (Elias [1933] 1983, p. 141 apud KETTLER et, 2008)

É preciso lembrar que tanto Weber como Elias viam a ação individual não de forma isolada, mas nas *relações*. Pode-se afirmar que, de certa forma, sob esta ótica, a sociologia relacional de Norbert Elias pode ser vista como de inspiração weberiana e também simmeliana (os três partiriam da noção básica de reciprocidade da ação). Porém, aqui não falamos de *qualquer* tipo de relação e nem mesmo o ponto de partida das análises é o mesmo. Como ressaltaram Powell e Dépelteau (2013) o conceito de relação para os diferentes autores que adotaram uma perspectiva relacional variam substancialmente. Muito menos podemos cair na tentação de pensar que “tudo é relação”. Esta noção é demasiadamente vaga e nos levaria a pensar que, se tudo é relação, não existiria qualquer tipo de determinação ou coerção para o indivíduo. Muito pelo contrário, na teoria figuracional de Elias, as relações adquirem características muito específicas, obedecem a regras muito bem definidas, nas quais o indivíduo tem pouca ou, muitas vezes, nenhuma opção de escolha. A coerção está presente dentro do próprio indivíduo (manifestada pelo autocontrole) e nas próprias relações

¹⁸ Optou-se aqui por incluir no corpo do texto o trecho em inglês presente na versão inglesa de “A sociedade de corte”, em virtude de considerarmos que o trecho traduzido para o português apresentava diferenças consideráveis, como se nota a seguir: “No caso de uma corte real, de uma sociedade de corte, trata-se de uma formação constituída por muitos indivíduos. Certamente é possível designar uma tal formação como um ‘sistema’. Entretanto não é tão fácil vincular o uso dessa palavra aos fenômenos aos quais ela se refere no âmbito sociológico de investigação. Ela soa um tanto inadequada quando se fala de um ‘sistema de indivíduos’ Por isso preferiu-se aqui o conceito de figuração. Podemos dizer: ‘Uma corte é uma figuração de indivíduos’ sem violentar o uso das palavras. Assim, de fato fica atenuada a dificuldade que sempre reaparece na história da teoria sociológica, com certa regularidade, tanto no caso das teorias que dirigem a atenção para os indivíduos como tais, quanto no daquelas que a dirigem para a sociedade como tal; uma dificuldade que acaba levando a disputas pendentes entre si.” (ELIAS, 2001b, p. 155)

humanas concretas, não em uma entidade abstrata, superior ou externa aos indivíduos.

3.3.1 Visão atomística vs. visão molecular da sociedade?

Ao afirmar que precisamos deixar de termos uma visão atomística da sociedade, Elias não está necessariamente argumentando contra uma análise importada das ciências naturais (em especial, da química), mas principalmente está criticando as análises sociológicas que partem de uma visão que é centrada, metaforicamente, em apenas um “átomo” – o indivíduo – considerando-o em uma configuração egocêntrica (ver figura 2). Ao lembrarmos da fala de Elias de que em “A sociedade de corte” analisou não um rei em particular, mas a *função* de rei, podemos compreender de forma mais prática tal analogia com a química que o autor adotou como ponto de partida.

Apesar de Elias não aprofundar uma aproximação do conceito de figuração com a química (até mesmo porque uma comparação rasa com as ciências naturais não daria conta de toda a complexidade da vida social), ele a menciona para dizer que, em termos gerais, é mais correto vermos a vida em sociedade não por uma visão atomística, mas sim *molecular* (ELIAS, 2001b, p. 133). O individual e o social só podem ser explicados ao vermos os indivíduos interdependentes, inseridos em figurações.

Para Elias, existe um risco de realizarmos análises sociológicas e históricas considerando um indivíduo que age livremente, desvinculado de sua dependência a outros, pois isso gera uma interpretação equivocada da vida social. Metaforicamente, vermos um átomo isolado permite apenas que vejamos seu *potencial* de ligação (nos termos do próprio Elias, a valência¹⁹) e não detalhes de sua ligação efetiva a outros átomos. Se transferíssemos essa noção homologicamente para a visão centrada em um indivíduo que é tomado isoladamente, isso seria equivalente a vermos apenas o seu “potencial de ação ou relação” ou suas disposições, mas não sua ação, pois esta só

¹⁹ A valência, na química, corresponde à capacidade de um átomo de se combinar a outros, que é medida por meio do número de elétrons que um átomo pode doar, receber ou compartilhar a fim de estabelecer uma ligação química com outros átomos. Elias (1970) usa o termo “valências abertas” no conceito de figuração para designar o potencial de relação dos indivíduos com outros, com os quais ainda não se relacionou (ver Figura 1).

poderia ser compreendida quando analisada dentro da trama de relações de interdependência na qual o indivíduo encontra-se imerso, em uma figuração.

É possível determinar as estruturas de um sistema de dominação como figuração de indivíduos interdependentes, quase com o mesmo rigor de um cientista ao determinar a estrutura de uma molécula específica. Com isso, não se pretende afirmar a existência de uma identidade ontológica entre o objeto das ciências naturais e o objeto da sociologia. Essa questão, aliás, não está sendo discutida aqui. A comparação serve simplesmente para delimitar com mais distinção e rigor a imagem que o sociólogo tem em mente. Cada campo de dominação apresenta-se como uma rede de homens e grupos humanos interdependentes, agindo em conjunto ou em oposição num sentido bem-determinado. (ELIAS, 2001b, p. 134)

Segundo Elias (1969 apud LAHIRE, 2013), as valências constituem-se a partir da socialização primária, que se desenvolve por meio da família, variando conforme as experiências do indivíduo (que variam conforme este vai se inserindo nas diferentes figurações ao longo da vida). Esta estrutura irá determinar a natureza de suas ligações e relacionamentos. O indivíduo carrega, desde a sua infância, afinidades e indiferenças, pontos de atração e rejeição, simpatias e antipatias, que condicionarão as suas futuras relações com os inúmeros indivíduos com os quais se deparará e frente às múltiplas situações que deverá enfrentar.

Apesar de tal analogia com a química, Elias mesmo admite que as metáforas que os sociólogos usam para se referir ao “indivíduo” ou à “sociedade” são muitas vezes insuficientes de captar a interdependência constitutiva de cada ser humano (LAHIRE, 2013). Além disso, a dependência que une os indivíduos se manifesta de maneiras muito específicas, de acordo com cada tipo de figuração, tendo importância fundamental, como vimos anteriormente, a questão do *sentido*.

Desse modo, mesmo que Elias tenha partido do conceito de *Wechselwirkung*, no sentido de “ação recíproca”, tal como Weber e Simmel, essa reciprocidade em Elias só pode ser explicada no interior de

cada uma das figurações. Além disso, o movimento de um indivíduo no “tabuleiro social” repercute em uma série de outras ações consecutivas de outros indivíduos inseridos na mesma figuração, de modo que a ação recíproca não retorna apenas ao indivíduo que teria desencadeado tal processo, mas também impacta em todos os seus outros integrantes (ELIAS, 2001b).

Considerando todas estas questões apresentadas até aqui, como poderíamos ainda aproximar, metodológica e epistemologicamente, Elias de Weber? Sabemos pelas palavras do próprio Max Weber, a respeito de sua adoção de uma visão atomística da sociedade: “A Sociologia Compreensiva (em nosso sentido) trata o indivíduo e suas ações como sua unidade de base, como seu átomo, se permitem-nos aqui uma questionável analogia” (WEBER apud Sell, 2016, p. 332). Esta posição de Weber, como argumentamos no segundo capítulo do presente trabalho, foi intensa e abertamente criticada por Elias.

Porém, afinal, adotaria o método weberiano uma visão atomística radical da sociedade, impossibilitando, dessa forma, de aproximá-lo metodologicamente de Norbert Elias?

Para Colliot-Thélène (2010) não podemos tomar ao pé da letra o individualismo metodológico do qual Weber professava, pois o autor não teria colocado a atividade dos indivíduos *stricto sensu* como ponto de partida para explicar a lógica dos processos sociais. Complementa a autora:

A *Lebensführung* das diferentes camadas sociais, que constitui o centro de suas análises, é, por relação com as estruturas sociais designadas pelas categorias coletivas (associação, Estado, mas também imperialismo, feudalismo, mercantilismo etc.) tanto constituída quanto constituinte. E de resto, ela mesma é apenas um ideal-tipo com respeito à “realidade” dos comportamentos dos indivíduos concretos, sempre em defasagem com relação à pureza do tipo. (COLLIOT-THÉLÈNE, 2010, p. 32)

Sell (2016) também nos chama a atenção para a importância de não se tomar como dado, de modo superficial, o enquadramento da sociologia weberiana como “individualismo metodológico”, sem maiores questionamentos. Apesar de concordar com esta designação, o

autor alerta para não fazermos denominações rasas a respeito desta posição e considerarmos devidamente sua natureza, pressupostos e implicações. Como resposta para tais questões, Sell (2016) opta por considerar como igualmente importantes a dimensão histórica e a dimensão sistemática do método de Weber, incorporando principalmente as discussões de teóricos que buscam aproximar visões holistas e individualistas, evitando respostas que tendem a dicotimizá-las. Chega à conclusão de que Weber teria adotado uma postura individualista *moderada* e que, inclusive, poderia ter inspirado trabalhos posteriores ancorados na perspectiva relacional que podem ter corrigido ou complementado sua análise, como teria sido o caso de Norbert Elias.

Apesar disso, para Colliot-Thélène (2010) o ponto crucial que não pode ser negado nessa discussão é a *divergência dos paradigmas epistemológicos* que orientam os trabalhos de Weber e Elias. Nesse sentido, a análise de Blondel (2010) complementa a discussão:

É difícil, enfim, separar as “reflexões metodológicas” de cada um dos autores de suas pesquisas efetivas. Max Weber é muito claro sobre esse ponto: “Os conhecimentos metodológicos mais vastos ainda não fazem de ninguém um historiador; as concepções metodológicas inexatas não determinam necessariamente uma prática histórica errônea, mas provam, em primeiro lugar, apenas que o historiador formulou e interpretou erroneamente as máximas corretas de seu próprio trabalho”. E Elias não deixa de afirmar, em diversos locais, quando está livre da tutela de seus mestres, que Weber é um grande sociólogo quando se trata de ter uma visão de conjunto dos dados empíricos, que ele também é um pensador lúcido em sua vontade de formular as categorias fundamentais da sociologia, mas que, ao inserir em seus escritos teóricos sua “fé axiomática” no “indivíduo absoluto”, ele se vê acuado a encarar as estruturas sociais típicas como irreais, o que o converteria num dos grandes representantes do “nominalismo sociológico”. (BLONDEL, 2010, p. 44)

Reside também aí uma dificuldade enorme: para reconhecer tal divergência, assim como para tentar aproximar Weber de Elias é preciso tomar certo cuidado, pois o contexto no qual cada um desses autores elaborou os seus respectivos pensamentos variou substancialmente. Além disso, a epistemologia explícita descrita por cada um dos sociólogos pode não corresponder àquela empregada em suas análises concretas (COLLIOT-THÉLÈNE, 2010).

Assim, na esteira de Colliot-Thélène (2010) e Sell (2016), da mesma forma que é preciso um olhar atento para o individualismo metodológico de Weber, me questiono também em que medida a crítica explícita de Elias ao atomismo weberiano pode ser levado à risca. Se comparamos os posicionamentos epistemológicos explícitos de ambos os autores, Elias estará a anos-luz de distância de Weber, entretanto quando olhamos para as suas análises empíricas e para o contexto de surgimento de suas obras, podemos traçar inúmeras aproximações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao fim deste trabalho talvez com mais dúvidas do que respostas. Compreendida grande parte da imersão de Norbert Elias no “mundo de Weber”, tanto em seu caráter contextual e histórico, como também teórico-metodológico e pessoal, destacamos algumas perguntas: haveria, de fato, mais aproximações ou mais afastamentos de Elias em relação a Weber? Em que medida Weber pode ser visto como apenas seu ponto de partida? Teria divergido de forma substancial ou chegou a um fim próximo, porém complementando-o, corrigindo unilateralidades de sua teoria?

Apesar de tantos questionamentos, este trabalho arrisca uma resposta: mesmo Elias se posicionando criticamente a Weber em diversos momentos em muitas de suas obras, chegamos à conclusão de que, para compreender o pensamento eliasiano, é crucial entender de onde grande parte de suas questões surge, considerando as figurações nas quais esteve imerso, que incluiria o próprio “mundo de Weber” e todos os demais fatores contextuais – como as relações pessoais (sendo determinantes suas aproximações ou afastamentos de pessoas e lugares específicos para a sua formação intelectual) e o impacto de questões centrais vigentes em cada período de produção ou edição de suas obras (como o contexto político-cultural da Alemanha em cada momento histórico, tendo importância desde a “crise da cultura” presenciada, até os diversos efeitos do nazismo, vivenciados de forma muito próxima e intensa por Elias). Acreditamos que todos esses aspectos são valiosos, de modo que analisar Elias deslocado de tais figurações resultaria em um grande equívoco.

A sociologia figuracional de Elias, com a sua visão “molecular”, não teria se oposto inteiramente à sociologia atomística weberiana, enxergar dessa forma abriria um fosso interminável entre os dois autores. Por meio de suas análises empíricas, ao contrário, reconhecemos muitas aproximações. Acreditam alguns autores que Elias teria fornecido argumentos para corrigir e complementar certos aspectos das análises weberianas. Podem ter sido fundamentais para isso as suas pesquisas empíricas e a carga substancial de “realidade”, contemplando uma vasta riqueza de detalhes, se pensarmos, como Elias, que não basta vermos o indivíduo isoladamente ou apenas em seu “potencial de ação ou relação”, mas também é necessário considerá-lo em suas relações sociais “reais”, concretas e processuais, para compreendermos a nossa própria vida em sociedade.

Como argumentamos até aqui, Elias nos fornece bases importantes para o pensamento relacional, processual e transdisciplinar, além de nos chamar a atenção sobre a importância fundamental de conciliar sistematizações teóricas e resultados de trabalhos empíricos. É altamente pertinente, portanto, resgatar e renovar as contribuições de Norbert Elias para a teoria social contemporânea se o nosso objetivo, enquanto pesquisadores, for o de superar barreiras disciplinares e velhas dicotomias. Acreditamos que alguns questionamentos que Elias propôs em relação a certas visões (como as suas críticas em torno da reificação de conceitos, da criação e manutenção de fronteiras disciplinares e da dicotomização entre indivíduo e sociedade) precisam ser retomados e atualizados incorporando novas características relativas ao momento histórico vigente, tais como a globalização, o cosmopolitismo e outros aspectos vinculados à vida urbana, suas transformações e derivações. Acreditamos que retomar estudos eliasianos e pós-eliasianos pode nos fornecer ferramentas teóricas importantes para nos levar além de encruzilhadas contemporâneas com as quais o sociólogo se depara.

ALGUMAS DATAS

Data	Acontecimento
1897	Nascimento de Norbert Elias em 22 de junho na cidade de Breslau, Prússia (hoje Wroclau, Polônia).
1915	Elias sai de sua cidade natal para atuar no front de batalha da segunda fase da 1ª guerra mundial (marcada pela guerra de trincheiras), como responsável pelo bom funcionamento de telefones e telégrafos.
1918	Inicia em Breslau seus estudos de medicina e filosofia, cursando um semestre em Heidelberg (1ª vez) e em Freiburg, respectivamente.
1920	Falecimento de Max Weber em 14 de junho em Munique.
23-24	Elias defende sua tese de filosofia e, sem emprego, volta à Breslau para trabalhar em uma fábrica de fundição, onde era responsável pelo setor de tubos.
1925	Chegada de Elias à Heidelberg, pela segunda vez. Vai à procura de um posto universitário, o qual adquire sendo aceito por Alfred Weber (e Marianne). Conhece Karl Mannheim. Ali planeja e inicia a escrita de “ <i>A sociedade de corte</i> ”.
25-26	Elias apresenta uma conferência no salão de Marianne Weber sobre a arquitetura gótica.
1930	Elias cancela o trabalho pelo qual foi aceito em Heidelberg (“A importância da Sociedade e da Cultura Florentina para o Desenvolvimento da Ciência”) para seguir como assistente de Mannheim em Frankfurt, submetendo como tese de habilitação “ <i>O Homem da Corte. Uma contribuição para a Sociologia da Corte, da Sociedade da Corte e da Monarquia Absolutista</i> ”. Este trabalho nunca foi formalmente aceito e é publicado apenas em 1969 como “ <i>A sociedade de corte</i> ”.
1933	Segue com uma amiga para tentar um posto universitário na universidade da Suíça. Depois segue para França, onde ficou exilado devido ao nazismo.
1935	Instala-se na Inglaterra, onde inicia pesquisas para a escrita de “ <i>O Processo civilizador</i> ”, terminando sua primeira versão ao final de três anos. Vai permanecer majoritariamente na Inglaterra entre 1935 e 1975.
1939	A primeira edição de “ <i>O Processo civilizador</i> ” é publicada na Suíça.

1940	Elias ocupa um cargo na London School of Economics. É deslocado para Cambridge, onde fica poucos meses até ser internado devido ao nazismo na ilha de Man, onde permanece por 8 meses.
40-41	Perde os pais durante a 2ª Guerra, a mãe assassinada em Auschwitz.
1954	Professor de sociologia na Inglaterra, na Universidade de Leicester.
62-64	Professor de sociologia na África, na Universidade de Gana.
1964	Professor convidado na Holanda e na Alemanha.
1965	Elias publica “Os Estabelecidos e os Outsiders”, em co-autoria com John Scotson.
1969	Publicação de “A Sociedade de Corte” e reedição de “O Processo civilizador”.
1970’	Década de seu reconhecimento tardio, principalmente pelo fato de “O processo civilizador” ser enquadrado (equivocadamente) entre os estudos da “História das mentalidades” ²⁰ .
1977	Recebe o Prêmio Adorno de Frankfurt.
1984	Instala-se permanentemente na Holanda, em Amsterdã.
1985	Entrevista de Elias concedida à Roger Chartier.
1990	Ano em que Elias publica “Norbert Elias por ele mesmo” em Frankfurt e de seu falecimento, aos 93 anos, em 1º de agosto em Amsterdã.
1997	Mesa-redonda na ANPOCS “Norbert Elias: 100 anos”.

²⁰ “O processo civilizador” foi visto pelos historiadores do período como uma obra de abordagem histórica, dentro do que se intitulou de “história das mentalidades”. Apesar disso, Elias se opunha fortemente tanto em relação aos estudos históricos das mentalidades como aos psicológicos (não freudianos) da época. Elias (2001a, p. 63) afirma que iniciou a obra “tendo perfeita consciência de que constituía um ataque implícito contra a onda de estudos acerca das mentalidades e dos comportamentos feitos pelos psicólogos da época”.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **Os mandarins**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1983.

BLONDEL, Jacqueline. Encadeamentos e regularidades nas “Ciências da Cultura”: seguindo Friedrich Nietzsche, Max Weber, Norbert Elias. In: GARRIGOU, A.; LACROIX, B. (orgs.). **Norbert Elias: a política e a história**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BOBBIO, Norberto. Max Weber, o poder e os clássicos. **Teoria Geral da Política: a filosofia política e as lições dos clássicos**. Rio de Janeiro: Campus, 2000, p.130-155.

BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. Razões Práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996, pp. 74-82.

BREUER, Stefan. Society of individuals, society of organizations: a comparison of Norbert Elias and Max Weber. **History of the human sciences**, 1994, vol. 7, n° 4, pp. 41-60.

BUCHOLC, Marta. Irony as vocation: the fate of a social scientist in the writings of Max Weber and Norbert Elias. In: DÉPELTEAU, F.; LANDINI, T. S. (orgs.). **Norbert Elias and Social Theory**. New York: Ed. Palgrave Macmillan, 2013.

CHARTIER, Roger. Norbert Elias ou la sociologie des continuités, **Labyrinthe** [online], 5 | 2000 [1985], Document, 89-95.

COBO, Rosa. Marianne Weber: Max Weber. Una biografía, **Rev. Sociológica**, 1996, 1: 181-185.

COLLIOT-THÉLÈNE, Catherine. O conceito de racionalização: de Max Weber a Norbert Elias. In: GARRIGOU, A.; LACROIX, B. (orgs.). **Norbert Elias: a política e a história**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

COMBESSIE, Jean-Claude. **O método em sociologia**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

COURY, Guillaume. Norbert Elias e a construção dos grupos sociais: da economia psíquica à arte de reagrupar-se. In: GARRIGOU, A.;

LACROIX, B. (orgs.). **Norbert Elias: a política e a história**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

DUCRET, André. Le concept de « configuration » et ses implications empiriques: Elias avec et contre Weber, **SociologieS** [online], La recherche en actes, Régimes d'explication en sociologie, 2011.

ELIAS, Norbert. Sociology and Psychiatry. In: Foulkes, S. H.; Prince, G. S. (orgs.). **Psychiatry in a Changing Society**. London & New York: Tavistock, 1969.

_____. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1970.

_____. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. 2. ed. Vol. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994a.

_____. **O processo civilizador: formação do Estado e civilização**. 2. ed. Vol. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994b.

_____. **Norbert Elias por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001a.

_____. **A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001b.

_____. **Escritos & ensaios: 1- Estado, processo, opinião pública**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

_____. **Au-delà de Freud: Sociologie, Psychologie, Psychoanalyse**. Paris: Éditions la Découverte, Laboratoire des sciences sociales, 2010.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

FERREIRA, Luiz Otávio; BRITTO, Nara. Os intelectuais no mundo e o mundo dos intelectuais: uma leitura comparada de Pierre Bourdieu e Karl Mannheim. In: PORTOCARRERO, V. (org.). **Filosofia, História e Sociologia das Ciências I: abordagens contemporâneas** [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1994.

HABERMAS, Jürgen. **Teoría de la acción comunicativa**: racionalidad de la acción y racionalización social. Madrid: Taurus, 1987, p. 213-227.

KASPER, Debbie. Advancing Sociology through a focus on dynamic relations. In: POWELL, C.; DÉPELTEAU, F. (orgs.). **Conceptualizing relational sociology**: ontological and theoretical issues. New York: Palgrave Macmillan, 2013.

KETTLER, David; LOADER, Colin; MEJA, Volker. Norbert Elias and the Sociology of External Forms. In: KETTLER, D.; LOADER, C.; MEJA, V. (orgs.). **Karl Mannheim and the legacy of Max Weber**: Retrieving a Research Programme. Burlington: Ashgate, 2008.

KRIEKEN, Robert Van. Norbert Elias and Process Sociology. In: Ritzer, G.; SMART, B. (orgs.). **Handbook of Social Theory**. London: Sage Publications, 2001.

KUPER, Gina Zabludovsky. O conceito de individualização. In: GEBARA, A.; COSTA, C. J.; SARAT, M. (orgs.). **Leituras de Norbert Elias**: processo civilizador, educação e fronteiras [online]. Maringá: Eduem, 2014.

LAHIRE, Bernard. Elias, Freud, and the Human Science. In: DÉPELTEAU, F.; LANDINI, T. S. (orgs.). **Norbert Elias and Social Theory**. New York: Ed. Palgrave Macmillan, 2013.

LEÃO, Andréa Borges; FARIAS, Edson. Apresentação. Dossiê: Reinventar Norbert Elias. **Soc. Estado**, Brasília, v. 27, n. 3, p. 458-468, dez. 2012.

MICELI, Sérgio. Biografia e Cooptação (o estado atual das fontes para a história social e política das elites no Brasil). **Intelectuais à Brasileira**. São Paulo, Companhia das Letras, 2001a, pp. 345-356.

MICELI, Sérgio. Norbert Elias e a questão da determinação. In: NEIBURG, F.; PONTES, H.; SOUZA, J.; WAIZBORT, L.; MICELI, S. (orgs.). **Dossiê Norbert Elias**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001b.

NEDELMANN, Birgitta. Georg Simmel als Klassiker soziologischer Prozessanalysen. In: DAHME, H.-J.; RAMMSTEDT, O. (orgs.). **Georg**

Simmel und die Moderne. Neue interpretationen und Materialien. Frankfurt a.M., Suhrkamp, 1984, pp. 91-115.

NEIBURG, Federico; WAIZBORT, Leopoldo. Apresentação. In: ELIAS, N. **Escritos & ensaios 1: Estado, processo, opinião pública.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

PONTES, Heloisa. Círculos de intelectuais e experiência social. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, ANPOCS, vol. 12, n. 34, junho de 1997, pp. 57-69.

POWELL, Christopher; DÉPELTEAU, François. **Conceptualizing relational sociology: ontological and theoretical issues.** New York: Palgrave Macmillan, 2013.

RINGER, Fritz. **O declínio dos mandarins alemães: a comunidade acadêmica alemã, 1890-1933.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

_____. **A metodologia de Max Weber: a unificação das ciências culturais e sociais.** São Paulo: Edusp, 2004.

SCARAMBONI, Bruna Aline. **Norbert Elias e Sigmund Freud: civilização, repressão e inconsciente em O processo civilizador.** 36º Encontro Anual da Anpocs. Águas de Lindóia-SP, 2012.

SELL, Carlos Eduardo. **Max Weber e a racionalização da vida.** Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. Max Weber e o átomo da sociologia: Um individualismo metodológico moderado? **Civitas**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 323-347, abr.-jun. 2016.

SILVA, Ricardo. O contextualismo linguístico na história do pensamento político: Quentin Skinner e o debate metodológico contemporâneo. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, vol. 53, n.2, 2010, pp. 299-335.

SIMMEL, Georg. **Sociologie: études sur les formes de la socialisation.** 1. ed. Presses Paris: Universitaires de France, 1999.

SOUZA, Jessé. Elias, Weber e a singularidade cultural brasileira. In: NEIBURG, F.; PONTES, H.; SOUZA, J.; WAIZBORT, L.; MICELI, S. (orgs.). **Dossiê Norbert Elias**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

TSEKERIS, Charalambos. Norbert Elias on relations: insights and perspectives. In: POWELL, C.; DÉPELTEAU, F. (orgs.). **Conceptualizing relational sociology: ontological and theoretical issues**. New York: Palgrave Macmillan, 2013.

WAIZBORT, Leopoldo. Apresentação. In: NEIBURG, F.; PONTES, H.; SOUZA, J.; WAIZBORT, L.; MICELI, S. (orgs.). **Dossiê Norbert Elias**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001a.

_____. Elias e Simmel. In: NEIBURG, F.; PONTES, H.; SOUZA, J.; WAIZBORT, L.; MICELI, S. (orgs.). **Dossiê Norbert Elias**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001b.

WEBER, Max. A política como vocação. In: GERTH, H. H.; WRIGHT MILLS, C. (orgs.). **Max Weber: Ensaio de Sociologia**, Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1967, p. 55-89.

_____. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 11. ed. São Paulo: Pioneira, 1996.

_____. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. 4. ed. Vol 1. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014.